Motivação e Justificativa Social

Considerações Iniciais

Sou natural do Rio de Janeiro, ainda criança vim para ilha de Santa Catarina, Florianópolis. Vivi uma infância da natureza, onde era muito comum observar e brincar com a fauna na flora nativa. A cidade ainda não era tão cidade assim. Participei por anos do movimento escoteiro que além de muitos valores morais e cívicos, propiciou-me conhecer trilhas, praias, cachoeiras, meandros e segredos da ilha da magia, um aprendizado de admiração e respeito à natureza. Neste lugar onde "Jamais a natureza reuniu tanta beleza", escolhi o mar, este que sempre me fascinou, como tema.

Vivermos em uma ilha, nossa relação com o mar é bastante evidente. Presenciamos e convivemos com o oceano, a vida marinha e sua influência em diversas escalas, seja através do turismo, da pesca, de fenômenos naturais, festas regionais, problemas ambientais, noticiários ou programas de preservação. Destas relações surge a preocupação com as condições deste imenso e frágil ecossistema, sua manutenção, entendimento e, principalmente, preservação.

Minha motivação é primeiramente fazer deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) um agradecimento aos lugares que estive e a cidade que vivo e me criei.

Infância Fonte: Arquivo próprio

> *"Quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser completamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis."*
> Italo Calvino

Após ingressar na universidade entendi a influência da arquitetura, dos espaços - fechados ou abertos, públicos ou privados, na sociedade, na cultura e na identidade local, pude compreender a importância da nossa profissão, os impactos e mudanças possíveis de causar.

É importante ressaltar que pretendo concluir a graduação do curso agregando o aprendizado adquirido na universidade e nas minhas experiências particulares, com um trabalho abrangendo problemáticas reais da sociedade atual.

Uma das condições mais fascinantes do "ser-arquiteto" é a interdisciplinaridade na concepção de cada projeto, onde temos que mergulhar em cada tema relativo ao mesmo, aprender sobre aquilo que será, em ultima instância, o conteúdo da materialidade.

Para a temática que proponho, permeei pelos caminhos da oceanografia, museologia e pedagogia, para então estes culminarem em um espaço que reflita preceitos e particularidades de cada uma das disciplinas, em prol de atingir um objetivo maior que abrigar seu acervo, que a experiência do espaço desperte reflexões, emoções e sentimentos.

> *"Sobre arquitetura…o que é importante é a experiência que você obtem dela. A interpretação é aberta"*
> Daniel Libeskind

Dessa forma a escolha de um museu da vida marinha, vinculado a um parque cientifico como tema, numa área da cidade subutilizada, mas com muito potencial, expressa a necessidade de uma visão local e global da cidade e das relações entre seus espaços, pensadas a partir dos direitos e desejos tanto do cidadão florianopolitano quanto do turista ou visitante.

Vazamento de oléo Fpolis.
Fonte: Naim Campos/ RBS TV

Lixo costeiro.
Fonte: diário de biologia.

Emissário submarino.
Fonte: blog agua natureza e vida.

Turismo predatório.
Fonte: eco4planet.

Lagoa da conceição.
Fonte: Flickr.

Objetivo geral:
-Projeto de museu da vida marinha democratizador de saberes e promotor da ambientalização.

Objetivos específicos:
-espaços públicos integrados ao edifício
-forte presença infanto-juvenil
-o museu como espaço pedagógico

A problemática marinho-costeira e o contexto ilhéu

Segundo a Agenda 21, o meio ambiente marinho caracterizado pelos oceanos, mares e os complexos das zonas costeiras formam um todo integrado que é componente essencial do sistema que possibilita a existência da vida sobre a Terra, além de ser uma riqueza que oferece possibilidade para um desenvolvimento sustentável (Cap.17.1).
Apesar da imensidão, as águas marinhas existentes no globo vêm sofrendo muito com a poluição produzida pelo homem, atingindo inclusive o Ártico e a Antártida, onde já se apresentam sinais de degradação. Devido ao grande volume de suas águas, os mares e oceanos há muito tempo vêm sendo usados como depósitos de detritos. É difícil saber a quantidade exata de poluentes lançados ao mar, pois todos os dias, os mares recebem toneladas de resíduos – alguns tóxicos, outros nem tanto.

Cerca de 77% dos poluentes despejados vêm de fontes terrestres e tendem a se concentrar nas regiões costeiras, justamente o habitat marinho mais vulnerável, e também o mais habitado por seres humanos. A população que mora no litoral ou nele passeia nos finais de semana e feriados é uma das grandes responsáveis pelo lixo que acaba se depositando no fundo do mar. Produzimos cada vez mais lixo e nos descartamos dele com uma velocidade cada vez maior.

Na ilha de Santa Catarina a realidade não muito diferente, no 20º relatório de balneabilidade divulgado da temporada de verão 2012-2013, Florianópolis apresentou que 27 dos 65 pontos monitorados pela FATMA (Fundação do Meio Ambiente) estão impróprios para banho, o equivalente a 41,53%. (FATMA - 3/05/2013)

Podemos citar casos como o desejo da CASAN em implantar emissários submarinos como destino final dos resíduos das suas estações de tratamento. Sugerindo como destinos finais o mar ou o mangue. Tão absurdo quanto à ideia é o fato de um estado com laços tão íntimos com o mar quanto Santa Catarina, teve de contratar uma empresa de outro estado (RS) para realizar uma avaliação de impactos ambientais. (Jornal do Campeche)

Recentemente assistimos ao vazamento de substâncias toxicas pelo canal de drenagem de uma subestação desativada em direção ao mar. Contaminando uma área de 730 hectares de mar, sendo temporariamente a região embargada pela FATMA, gerando proibição de extrair moluscos, pescar e tomar banho na região. (Jornal Diário Catarinense)

Esses são alguns casos recentes que ilustram o panorama local. Sofremos também com da pesca predatória, eutrofização das aguas, despejo de combustíveis por embarcações e tantas outras que assolam o ambiente marinho e costeiro. Os impactos não são somente ao meio ambiente, mas também são econômicos e sociais.

Tendo isto dito, a pesquisa gerou algumas perguntas, como:
Como minimizar o problema?
Qual o método para alcança-la?
É tangível ao contexto de Florianópolis?
Como arquitetura se relaciona com o tema?

Aspectos do Tema

Solução adotada

As respostas para as questões levantadas anteriormente, podem elucidar a escolha do tema e como as disciplinas da museologia, pedagogia e oceanografia estão associadas ao objetivo proposto e como irão se relacionar entre si e com o projeto.

Como minimizar o problema? *Preservação e zelo.*

Neste ponto, primeiramente pensei em através da oceanografia atacar diretamente a adversidade, propondo algum elemento de apoio aos pesquisadores e estudantes, entretanto, ficou bem claro no decorrer das pesquisas que a problemática é decorrente de um problema social, onde faltam informações e comprometimento da população e poder publico e me geral. Optei por um caminho que não tente solucionar problemas pontuais, mas sim evitar que esse cenário predatório, com uso destes recursos naturais de forma tão equivocada e tão errada, vá adiante.

Qual o método para alcança-la? *Conscientização e educação.*

O mar possui limites, segundo o oceanólogo Lauro Barcellos em entrevista:

> *"Nós precisamos que o cidadão seja mais consciente que entenda que aquilo (oceano) é uma propriedade pública, então seja, é de todos, que as riquezas que a natureza oferece são um bem da nação, é um bem de todos os brasileiros e precisamos deixar a maior parte de tudo isso para as futuras gerações (…) Essa condição, de respeitar os limites da natureza e os limites da lei, somente esta na cabeça das pessoas mais educadas , mais evoluídas, mais conscientes e mais cidadãs."*

Procurando uma alternativa para atingir as pessoas, foi através das novas correntes museológicas, que pregam sua função pedagógica e acesso democrático, que elegi meu objeto de intervenção.

É tangível ao contexto de Florianópolis? *Absolutamente.*

Certamente, assim como em todos os ambientes costeiros e, principalmente, nos ecossistemas frágeis e limitados que são as ilhas. É recorrente vermos um pensamento ecológico mais forte neste tipo de formações geológicas, infelizmente, diferente de grande parte das ilhas, em especial daquelas que o turismo e pescado são vitais para si, a nossa cidade está na contramão desta corrente ambiental há décadas.

Como a arquitetura se relaciona com o tema? *Potencializando a experiência.*

A arquitetura, dentro da proposta que apresento, tem a pretensão de encantar os visitantes, com um ambiente lúdico e didático, com espaços que apresentem o ambiente marinho da ilha de Santa Catarina, não fechar o museu em si, ao contrário, trabalhar com um conceito que o aproxime do público e a paisagem.

MUSEU ⇨CONSCIENTIZAÇÃO ⇨EDUCAÇÃO ⇨PRESERVAÇÃO

Público Alvo

Educação Infantil, alunos do Ensino Fundamental, estudantes e educadores em geral da rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

Painel semantico de público alvo.

A Educação Ambiental como agente da ambientalização das esferas sociais

Segundo Isabel C. M. Carvalho, entendemos por ambientalização o processo de internalização nas práticas sociais e nas orientações individuais de valores éticos, estéticos e morais em torno do cuidado com o ambiente. Estes valores se expressam na sociedade contemporânea em preocupações tais como aquelas com a integridade, a preservação e o uso sustentável dos bens ambientais. Os processos de ambientalização têm uma dimensão educativa importante que reside, sobretudo, na formação ética, estética e moral de sujeitos e instituições ambientalmente orientados.

A ambientalização das agendas das instituições e dos movimentos sociais pode ser identificada na esfera pública tanto na emergência de questões e práticas ambientais como um fenômeno novo quanto na reconfiguração de práticas e lutas tradicionais que se transformam ao incorporar aspectos ambientais. A E.A. como articuladora de práticas pedagógicas, estilos de vida e, do que também poderíamos chamar, de comunidades de crença na medida em que estas assumem, em alguma medida, uma orientação ecológica como modo de vida.

Neste sentido, postulamos a emergência de um habitus (Bourdieu, 1996) ou de um idioma ambiental (Comafroff&Comarff, 2001) em diversas práticas sociais que se formulam a partir de argumentos do tipo ecológico moral como uma base valorativa válida para fundamentar o laço social contemporâneo. Esta pretensão na esfera educativa estaria notadamente ancorada numa educação ambiental como educação moral para uma relação virtuosa com o ambiente nos tempos intra e intergeneracional, nos territórios da diversidade cultural e ecológica entre humanos e nas relações entre humanos e não humanos. Com isto queremos destacar a E.A. como prática educativa potencialmente promotora de ambientalização e, ao mesmo tempo, efeito da ambientalização de um contexto social maior onde está inserida e que nunca se esgota na ação educativa.

> *"O mundo que queremos, mais equilibrado e justo, requer o engajamento pessoal e coletivo de educadores e educandos no processo de transformações sociais"*
> Mauro Guimarães, 1995.

Educação Museística - O museu como entidade didática e narrativa

A escolha de um museu como alternativa para disseminação da preservação e da atividade oceanográfica foi obtida pelas características deste tipo de instituição, faço uso da definição do International Council of Museums (ICOM, 2001), "*Uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade*", pela possibilidade agregar em seu programa particularidades que vão além da exposição e que permite dialogar com outro projeto de cunho social-pedagogico como o parque Viva a Ciência, acredito que a arquitetura tem muito a colaborar o novo conceito de museu e seu paradigma contemporâneo.

"Os museus em nossa contemporaneidade, face aos grandes avanços da técnica, da ciência e da arte, têm diante de si uma grande responsabilidade; repensar sua identidade sociocultural. Ou seja, (re)inventar-se, estruturando-se como espaços de vida e não locus de contemplação, prazeres singulares particularizados e, possivelmente individualizados. Para tal, os museus requerem criar condições para que seus espaços se construam como locus de experimentações e de práticas pedagógicas estimulantes, que promovam o desenvolvimento dos patrimônios, pessoal e social, no público que a eles acorre, em busca de conhecimentos indispensáveis a uma experiência sociocultural sempre renovada, com vistas à compreensão e interpretação do mundo vivido e da importância do saber, dos diversos e múltiplos saberes para um mundo em transformação"(REIS, M. A. G. S. 2009).

Além de promover a praxis, popularizada por David Kolb, muito mais eficientemente do que dentro das ainda dogmáticas salas de aula.

Entende-se por metodologia da praxis aquela fundamentada no diálogo participativo sobre os problemas e conflitos da realidade vivenciada por todos e, esta, tomada como objeto e conteúdo primordial de uma educação emancipadora, diferentemente da educação domesticadora e bancária pautadas em uma metodologia estruturante, universalizante e homogeneizadora.

O conteúdo permanente do museu terá foco na apresentação da fauna e flora do ambiente marinho costeiro de Florianópolis. As ameaças a qual este está exposto e como podemos minimiza-las.

A importância da educação não formal para conscientização ambiental e no aprendizado científico

Os conteúdos abordados nos museus sejam estes de artes ou científicos, através teorias científicas ou antropologia, são formados de uma infinidade de elementos ligados por relações sutis, e quanto mais os percebemos, mais podemos tirar deles. Mas como acontece com as artes, é preciso saber ouvir, ver, apreciar. Isso requer exposição e treinamento, em certo sentido, é fazer algo semelhante ao que os artistas chamam de "formação de público": Expor as pessoas a este tipo de conhecimento, acostumá-las a ele em diferentes formas e contextos, e sugerir como pode ser fonte de satisfação intelectual e emocional.

A funcionalidade pedagógica no espaço museológico além da transmissão de um tema, conceito ou ideia, pode ir adiante, auxiliando no despertar nos visitantes o interesse acadêmico e cientifico relacionado ao que se aborda, sendo forte motivador dos museus saírem da esfera artística e histórica.

Salienta-se a todo instante, nos discursos políticos e na mídia, a necessidade de formação de um número crescente mão-de-obra especializada que venham a suprir as demandas de uma sociedade cada vez mais tecnológica e complexa. Infelizmente, a realidade brasileira está muito distante de atingir o objetivo pelas mais diversas razões, sendo a primeira delas relacionada à má formação em geral dos nossos estudantes nos ensinos fundamental e médio, mas exacerbadamente má em ciências exatas e naturais.

Um dos resultados desse quadro reflete-se nos quase 70% dos estudantes brasileiros no ensino superior que se dedicam às áreas das humanidades e sociais. Uma pesquisa publicada na Revista FAPESP mostrou que apenas 2,7% dos estudantes latino-americanos do ensino médio, com idades entre 15 e 19 anos, têm algum interesse em seguir carreiras nas áreas de engenharia ou de ciências naturais, em geral por considerarem as mesmas muito difíceis.

Por outro lado, estudos sobre o aprendizado das ciências nos Estados Unidos mostram que a suposição de que o interesse tanto pelas ciências naturais como pelas exatas é adquirido primordialmente nas escolas é errônea. O mesmo estudo aponta museus, espaços de ciência, parques nacionais e jardins botânicos como os principais motivadores para esse aprendizado, uma vez que são procurados, não apenas para momentos de relaxamento e diversão, como também para satisfação da curiosidade intelectual. Esses mesmos espaços devem ser usados para instigar as pessoas, e particularmente as crianças e adolescentes, a pensar sobre o mundo que vivem e as coisas que seu redor, receber informações e conteúdo de modo lúdico e divertido para aproximá-las destes saberes.

A Oceanografia

A Oceanografia proporciona o estudo e uma formação técnica direcionada ao conhecimento, a interpretação e à previsão dos fenômenos que ocorrem nos oceanos e ambientes transicionais, visando utilização racional de todos os seus domínios.

Dentre as áreas de atuação da ciência oceanográfica podem ser citadas a modelagem e previsões climáticas, a investigação de novos recursos alimentares, o diagnóstico, controle e mitigação da poluição, a conservação, recuperação e manejo de ambientes naturais e seus recursos, a adequação de obras e atividades humanas ao ambiente marinho, o desenvolvimento de tecnologias e estratégias para a melhoria das atividades de cultivo, extração e beneficiamento do pescado.

A aplicação destes conhecimentos permite que o profissional oceanógrafo atue em diversas atividades, entre as quais aquelas relacionadas à utilização racional e gestão dos recursos pesqueiros, ao cultivo de organismos aquáticos (aquicultura), ao monitoramento ambiental, à conservação de ecossistemas e espécies ameaçadas e à recuperação e manejo de ambientes degradados.

O conteúdo gerado e fomentado pelo museu tem seus alicerces na oceanografia, entretanto para sua disciplina atingir de forma eficiente os visitantes, profissionais de pedagogia e museólogos devem trabalhar em conjunto na abordagem e montagem presente.

Origem e Histórico

Os museus tiveram origem no hábito humano do colecionismo, que nasceu junto com a própria humanidade. No Paleolítico os homens primitivos já reuniam vários tipos de artefatos, como o provam achados em tumbas. Desde a Antiguidade remota o homem, por infinitas razões, coleciona objetos e lhes atribui valor, seja afetivo, cultural ou simplesmente material, o que justifica a necessidade de sua preservação ao longo do tempo.

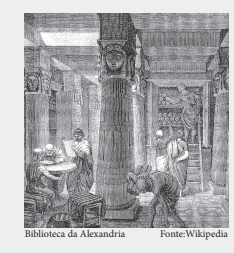
A palavra "museu" vem do grego mouseion, que significa "Templo ou morada das musas", ou seja, um local de inspiração divina e de onde provinham aquelas que estimulavam a criatividade dos artistas e intelectuais.

O primeiro prédio com uma configuração semelhante a dos museus atuais foi a Biblioteca de Alexandria, continha estátuas de filósofos, objetos astronômicos e cirúrgicos e um parque zoobotânico. Embora a instituição fosse primariamente uma academia de filosofia, mais tarde incorporou uma enorme coleção de obras escritas.

Destruída em 640 d.C. a destruição da biblioteca significou o desuso do termo "museu" no mundo ocidental, embora na Idade Média e Renascimento ocidental o colecionismo tenha sempre existido, sendo representado em Salas de Tesouros, Gabinetes de Curiosidades, Galerias Palacianas e Jardins Botânicos, instituições que representam a origem do conceito contemporâneo de museu e eram apoiadas pelo poder eclesiástico ou pelas casas reais.

A primeira coleção do Brasil de que se tem notícia foi formada pelo colonizador holandês conde Maurício de Nassau, cuja corte se notabilizou pelo brilho científico e cultural, instalando-a em torno de 1640 no Palácio de Friburgo, em Recife, semelhante em caráter aos gabinetes de curiosidades.

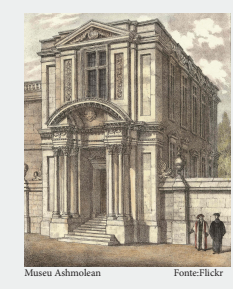
O conceito moderno de museu tem como marco na Inglater-ra, em 1683, aquele que é considerado o primeiro museu moderno com objetivo declarado de educar o público, o Museu Ashmolean, criado pela Universidade de Oxford. Pouco mais adiante, o espírito enciclopédico dos iluministas fortaleceu a associação do conhecimento com a razão, a ordem e a moral, favorecendo a formação de acervos sistemáticos e a atuação de instituições culturais com objetivos educativos e públicos.



Biblioteca da Alexandria Fonte:Wikipedia

Le Cabinet de Calzolari - Anonimo

Galeria do Louvre Fonte:Samuel F.B. Morse



Museu Ashmolean Fonte:Flickr

Museu di Ferrante Fonte:Academic

No Brasil, frutos da vinda da família real, os primeiros museus nestes moldes encontram-se no Rio de Janeiro. São estes:
-Em 1816 a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, embrião do atual Museu Nacional de Belas-Artes;
-Em 1818 foi criado o Museu Real, atual Museu Nacional da Quinta da Boa Vista.

Em Florianópolis:
-Em 1930 o Museu de Armas, atual Museu Armas Major Lara Ribas
-Em1949 foi criando o Museu de Arte Moderna de Florianópolis, atual MASC.

O Museu no século XXI

As práticas colecionistas antigas eram caracterizadas acima de tudo por uma postura passiva diante da sociedade, seguindo critérios aquisitivos e administrativos vagos e em muito arbitrários, e vigoraram até meados do século XX. Nesta altura os museus entraram em uma séria crise conceitual e, como disseram Chagas & Chagas, passou-se a criticar "o caráter aristocrático, autoritário, acrítico, conservador e inibidor dessas instituições, consideradas como espécie em extinção e, por isso mesmo, apelidadas de 'dinossauros' e de 'elefantes brancos'.
Cristina Bruno sintetizou a transformação dizendo:

> *"De instituições elitistas, colonizadoras, sectárias e excludentes, os museus têm procurado os caminhos da diversidade cultural, da repatriação das referências culturais, da gestão partilhada e do respeito à diferença de forma objetiva e construtiva. De instituições paternalistas e autoritárias, os museus têm percorrido os árduos caminhos do diálogo cultural e da convivência com o outro. De instituições isoladas e esquecidas, os museus têm valorizado a atuação em redes e sistemas, procurando mostrar a sua importância para o desenvolvimento socioeconômico. De instituições devotadas exclusivamente à preservação e comunicação de objetos e coleções, os museus têm assumido a responsabilidade por ideias e problemas sociais".*

Os anos de 1960 foram marcantes para os museus de ciências já que estes passam a ser fortemente influenciados pelas teorias educacionais, as quais nesse momento enfatizam processos de aprendizagem inspirados no "aprender fazendo". Os museus de ciências incorporam essa perspectiva e se transformam no sentido de tornar suas exposições mais dinâmicas e interativas. Como marco, tem-se o surgimento dos Science Centres nos Estados Unidos, onde são elaboradas exposições do tipo "hands on", as quais enfatizam a manipulação de aparatos com fins de aprendizagem (Cazelli, 1992).

Nos anos de 1980 surgem vários museus de ciências de natureza interativa no Brasil, no bojo dos movimentos de alfabetização científica e de preocupação com o ensino de ciências no país. Atualmente vive-se em nível mundial, mas também na América Latina e especialmente no Brasil, um momento de grande proliferação de museus interativos e centros de ciência e já se acumulam experiências e reflexões teóricas relativas às questões educacionais desenvolvidas neste espaço.
De acordo com a Política Nacional de Museus, os museus, mais do que instituições estáticas, são "processos a serviço da sociedade", e são instâncias fundamentais para o aprimoramento da democracia, da inclusão social, da construção da identidade e do conhecimento, e da percepção crítica da realidade.

Se a constante produção de conhecimento especializado pelas academias exige dos museus contemporâneos uma perpétua renovação e aperfeiçoamento, essa pressão pela qualificação e profissionalização com um rigor científico, cobiçando avidamente uma visitação cada vez maior, mais o desejo de "musealizar tudo", já são sentidos como tendências que podem inviabilizar economicamente os museus dentro em breve, e até desvirtuar suas funções essenciais, tornando-os poços-sem-fundo para os recursos públicos, ou podendo fazê-los cair na tentação da espetacularização e banalização de seus eventos a fim de atrair maior plateia e obterem mais rendas, sem que isso, conforme apontam as pesquisas, reverta em real proveito cultural para este público, nem contribua para formar visitantes mais assíduos. Nas palavras de Lara Filho:

> *"As novas questões colocadas aos museus não se esgotam nas apontadas acima. Em palestra do Fórum Permanente, Stijn Huijts, diretor do Museu Het Domein da cidade holandesa de Sittard, apontou desafios contemporâneos para os museus e, dentre eles, os relativos às difíceis relações com os patrocinadores – sejam eles empresas privadas ou estatais -, os relacionados ao respeito à diversidade cultural e às particularidades locais. Para ele, 'museus são instituições científicas com uma tarefa pública e não vice-versa (ou seja, o museu não é uma instituição pública com tarefa científica)' Já para Jorge Wagensberg, do Museu de Ciências de Barcelona, 'para despertar a curiosidade científica um museu tem que emocionar. Seduzir o visitante para os mistérios da realidade é a melhor forma de fazer com que ele queira entender a realidade'.… Um museu do século XXI, seja criado agora ou não, será aquele que se comprometer com aspectos da cultura contemporânea. Não se trata apenas de assimilar as novas técnicas e tecnologias mas de estruturar políticas culturais inovadoras e estimulantes.… A finalidade última do museu é trazer algum tipo de benefício às pessoas e provocar mudanças em suas vidas, e não ser simplesmente uma casa de custódia para obras de arte ou um centro erudito. Isto implica num constante questionamento de suas funções e propósitos."*

Baltimore Science Museum fonte:cbsbaltimore

Museu de Ciências Morfológicas da UFMG fonte:pontociencia

Museu de Ciências e Tecnologia RS fonte:Gazeta do Povo

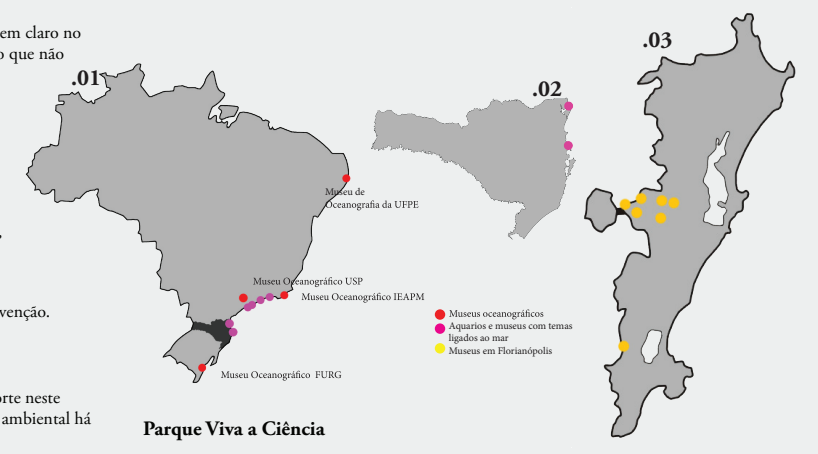
A definição do Instituto Brasileiro de Museus, instância museológica máxima no Brasil, está alinhada a postura lúdica e poética acerca dos museus:

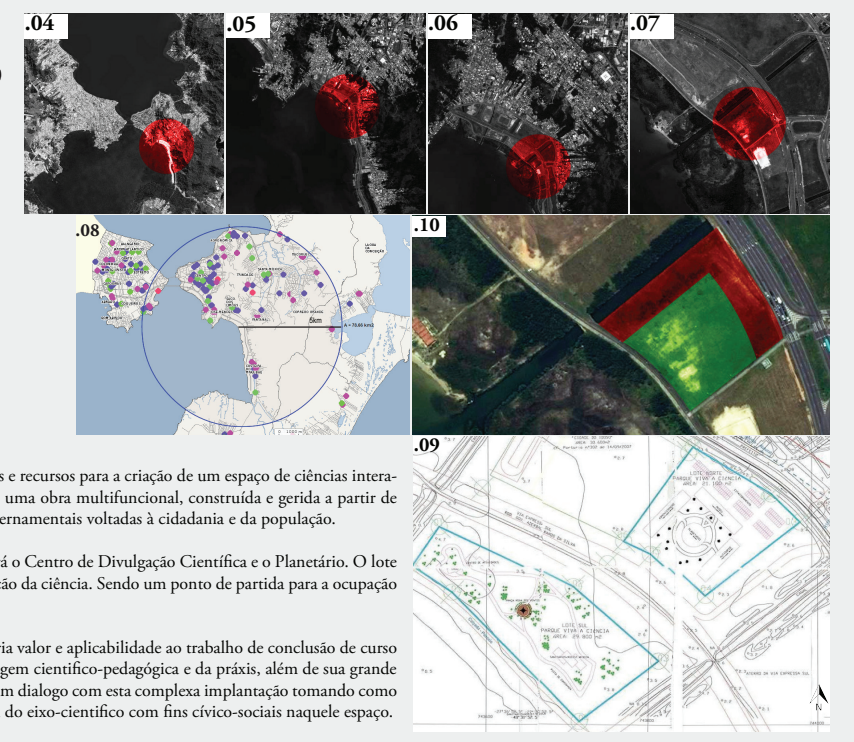
> *Os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes. Os museus são conceitos e práticas em metamorfose."*

Área de Intervenção

Escolha do local

A área escolhida para implantação localiza-se no aterro da via expressa sul, na altura do bairro Saco dos Limões, sendo o lote a ser utilizado encontra-se entre as faixas de rolagem e ciclovia em direção ao mar e delimitada por dois canais para escoamento das águas. O lote tem área de 14474.77m2 e o perímetro de 489m, descontados os afastamentos das vias e canais, regidos pelo Código de Águas e pela Lei do Plano Diretor de Balneários, tem-se área de área de 7.683,26m2 e 355m de perímetro utilizáveis (Mapa 10). Vale ressaltar alguns dos fatores ponderados na busca pelo terreno.





.04
.05
.06
.07
.08
.10
.09
5km
LOTE NORTE PARQUE VIVA A CIÊNCIA
LOTE SUL PARQUE VIVA A CIÊNCIA

Parque Viva a Ciência

O Parque Viva a Ciência é uma instituição sem fins lucrativos que busca articular pessoas e recursos para a criação de um espaço de ciências interativo em Florianópolis, inserido em uma grande área de lazer no aterro da Baía Sul. Trata-se de uma obra multifuncional, construída e gerida a partir de parcerias entre diferentes segmentos do Estado, da iniciativa privada e de organizações não-governamentais voltadas à cidadania e da população.

O parque está dividido entre duas parcelas (mapa 09) do aterro, o lote norte uma receberá o Centro de Divulgação Científica e o Planetário. O lote sul terá implantação de um parque com diversos equipamentos para experimentação e fomentação da ciência. Sendo um ponto de partida para a ocupação do aterro no trecho do Saco dos Limões ocioso desde sua conclusão há 17 anos.

Este projeto está andamento e em vias de execução, partimos do pressuposto que agregaria valor e aplicabilidade ao trabalho de conclusão de curso se considerássemos o parque uma realidade. Apesar de focar principalmente em física, a abordagem cientifico-pedagógica e da práxis, além de sua grande identificação conceitual com a temática contemplada no Museu, achamos coerente estabelecer um dialogo com esta complexa implantação tomando como partido a integração ao parque do lote sul. Fortalecendo e consolidando mais ainda o potencial do eixo-cientifico com fins cívico-sociais naquele espaço.

Centralidade – Museus/Instituições de ensino

Podemos observar no mapa 03, a grande maioria dos museus da cidade estão localizados na faixa central da ilha de Santa Catarina, procuramos elencar um terreno dentro deste eixo por acreditar que atendará melhor nossos objetivos e programa de necessidades.

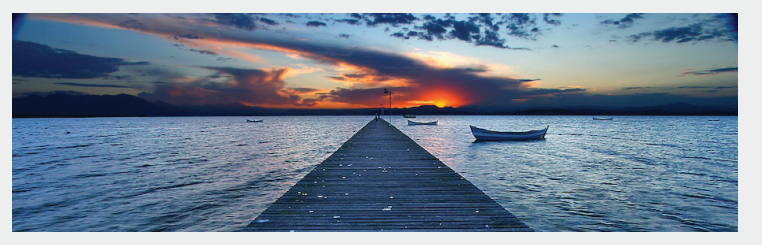
Como dito anteriormente, nosso publico alvo, a priori, são estudantes de Florianópolis. Entendemos que é um facilitador para as escolas deslocarem seus alunos até uma região situada dentro do distrito sede (mapas 04 e 05), que além do posicionamento geográfico, possui fácil acesso viário receberá local para estacionamento dos ônibus de turismo e grupos escolares. Como apresento no mapa 08, aproximadamente 30% das instituições de ensino de Florianópolis encontram-se em uma raio de até 5km do local e este percentual sobe para aproximadamente 70% se considerarmos um raio de 10km.

Potencial cenográfico e proximidade a orla

Como abordado anteriormente, o saco dos limões sempre teve uma forte relação com o mar. O museu abordando esta temática marinho costeira, é muito privilegiado por possuir além da proximidade geografica, que incorpora a atmosfera litorânea ao sitio, também contar com vista para contemplar de um dos cenários mais pitorescos e privilegiados da ilha de Santa Catarina.

Suporte técnico/pedagógico

Como observado no mapa 01 os museus relacionados ao ambiente marinho costeiro estão majoritariamente associados a universidades. Sendo assim, outro fator que preponderou na escolha foi sua proximidade ao campus da UFSC. Tendo este vinculo estabelecido, a proximidade física é um facilitador logístico e funcional para diversas atividades do museu, seja para pesquisas, palestras, aquisição, manutenção e transporte do acervo.



Histórico do bairro e sua relação com o mar

O Saco dos Limões é um dos mais tradicionais e antigos bairros de Florianópolis. Desde sua descoberta, sempre teve uma relação intima e direta com o mar. Primeiramente servindo de porto seguro e abastecimento de embarcações, de frutas variadas, me especial o limão que era usado no combate ao escorbuto. *A colonização da comunidade remonta ao final do século XVIII. O local, desde a época da colonização, foi local de interesse, onde se plantavam laranjas, limões, mandiocas e café sombreado em abundância. Segundo Nereu Corrêa, o limão era fruta muito procurada pelas embarcações, com a finalidade de preparar refresco e xarope para a prevenção do escorbuto. Assim, acostumaram-se as tripulações dos navios a comprar limões e outros vegetais frescos no Saco dos Limões.*

Em seguida com a retirada dos sambaquis para fabricação da cal. A pesca sempre esteve presente, assim como a coleta de berbigão, eram características marcantes do bairro, que possuía ao longo da estrada geral (Av. Pref. Waldemar Vieira), dezenas de barracos de pesca e a pesca amadora era atividade comum dos moradores. *Virgílio Várzea registrou, no início do século XX, as mais importantes atividades econômicas da região, basicamente extrativista e com muito pouco de agricultura de subsistência. Destacou-se primeiro a produção da cal, a partir das caieiras (destruindo sambaquis), a pesca e, em seguida, o cultivo da mandioca, do café e da cana de açúcar, apenas para o consumo* local.

Teve papel importante na ocupação do interior da ilha de Santa Catarina, sendo ponto de partida para as estradas que seguiram em direção as atuais: Carvoeira, Córrego Grande e ao sul da ilha.

Durante muitas décadas o núcleo do bairro era nas mediações do armazém Vieira e em meados do século XX, foi deslocado o raio de crescimento para o entorno da vila operaria (100 casas) implantada no bairro. *Com a construção da Vila Operaria, Loteamento do Mariano, Sargento Vieira, Caieira e mais tarde o loteamento de Hipólito Mafra, o movimento foi deslocado para as imediações da Vila Operaria, ficando muito reduzido o movimento no "Canto", como dizia Virgílio Várzea.*

Em 1996 houve uma ruptura deste cenário, com o aterro e implantação da via expressa sul. *A construção da Via Expressa Sul mudou o perfil do bairro, aumentando a área da sua planície costeira e distanciando as construções do mar. Os tradicionais ranchos de pescadores foram demolidos para dar lugar a um aterro hidráulico. Uma nova praia, produzida pelo aterro mecânico está redefinindo a paisagem da orla do Saco dos Limões.*

O mar foi afastado, não só geograficamente, mas psicologicamente, pois a falta de novos usos e apropriação do novo espaço, combinados a barreira física imposta pelas faixas de rolagem, transformou a, antes habitual, ida a beira mar em tarefa executada apenas por aqueles que dali obtém seu sustento.

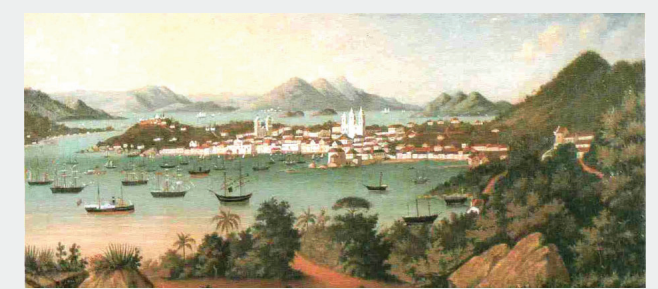


Ilustração do periodo colonial

Armazém Vieira

Aterro em execução

Geografia

O bairro consiste em uma planície costeira banhada por uma enseada da Baía Sul. Está cercado por morros dos maciços da Cruz e da Costeira. Estes maciços protegem o bairro do vento nordeste, predominante na ilha, porém por estar voltado ao sul e sudoeste, os ventos vindos desta direção são predominantes no local, de forma que, no inverno, as temperaturas são mais baixas, se comparadas às das comunidades próximas.

O aterro

O aterro existe desde 1996 e o método utilizado foi de aterragem hidráulica. Nestes aterros o solo local é proveniente do processo de aterragem hidráulica que consiste na drenagem do material, geralmente areia, que é dragado da "área de empréstimo" e lançado diretamente na área onde será feito o aterro, em continuidade da praia, ou dentro de uma área onde os limites do aterro são feitos ou com blocos de rochas (enrocamento) ou com uso de geossintéticos. Esta proteção visa segurar o aterro dentro da área desejada, evitando sua dispersão, enquanto não ocorre sua compactação e proteção de sua base contra a erosão. O projeto constou na retirada de 8,5 x 106 m3 de areia, obtida em uma jazida no próprio ambiente, para a construção de um aterro de 15,9 km de extensão (Abreu et al., 1998).

A orla do aterro apresenta faixa de areia que varia de 2 a 28 metros. O mar fundo areno-lamoso com grande quantidade de material biodetrítico e fragmentos de conchas. As profundidades são reduzidas e salinidades elevadas devido à baixa contribuição de água doce continental. A amplitude de maré inferior a 2 metros e hidrodinâmica controlada pelo regime de marés e pelos ventos de quadrante Sul e Nordeste (FACIMAR, 1998; MOLLERI & BONETTI, 2005).

Legislação definidora

Através da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) foram requisitados junto a União, em 2007, que fossem disponibilizados alguns lotes no aterro para implantação de alguns projetos que tencionam utilizar aquele espaço público para divulgação científica acoplada ao lazer e à formação de estudantes e de professores. Em dezembro de 2009 a união cede aos requerimentos da universidade. A região do aterro junto à via expressa sul está caracterizada segundo a LEI COMPLEMENTAR Nº 001/97 de 18 de fevereiro de 2007 como AVL (Áreas Verdes de Lazer), entretanto assim como as demais áreas cedidas a UFSC pela união, tiveram seu zoneamento convertido para ACI (Áreas comunitárias Institucionais) pela câmara, também a pedido da universidade, e concedidas nas leis complementares nº185/2005 e nº439/2012.

ACI - Áreas Comunitárias Institucionais segundo Lei Complementar de Florianópolis/SC, nº 1/1997 de 03/10/1997.
Art. 13 - Áreas comunitárias Institucionais (ACI) são aquelas destinadas a todos os equipamentos comunitários ou aos usos institucionais, necessários à garantia do funcionamento satisfatório dos demais usos urbanos e ao bem estar da população subdividindo-se em:
I - Áreas de Educação, Cultura e Pesquisa (ACI-1);
(...)
SEÇÃO VII - Das Áreas Comunitárias Institucionais (ACI)
Art. 105 - As Áreas Comunitárias Institucionais (ACI), especialmente aquelas dos equipamentos de educação, cultura, saúde, segurança, lazer e recreação, serão classificadas e localizadas em Planos Setoriais elaborados pelo Órgão Municipal de Planejamento e setores afins, aprovados por Lei.
Art. 106 - Os limites de ocupação das Áreas Comunitárias Institucionais serão definidos pelo Órgão Municipal de Planejamento, levando-se em conta os limites de ocupação mais adequados às zonas circunvizinhas à área.

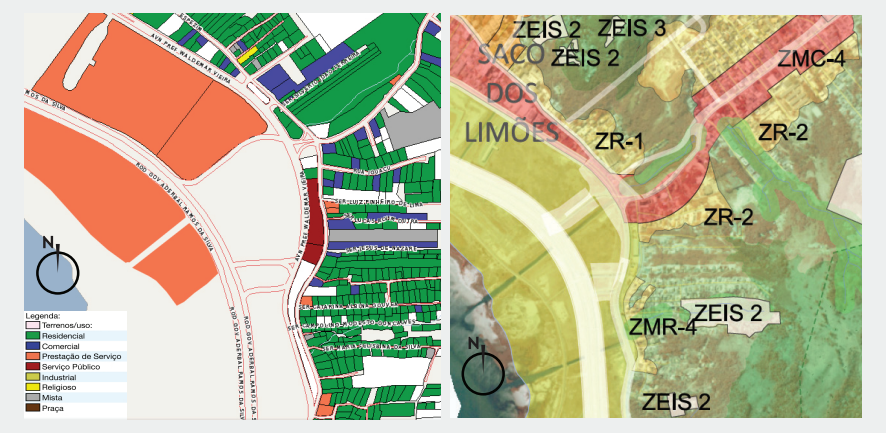
Parágrafo Único - Em nenhum caso os limites de ocupação dos terrenos de ACI existentes ou extintas poderão ser superiores aos das zonas adjacentes.

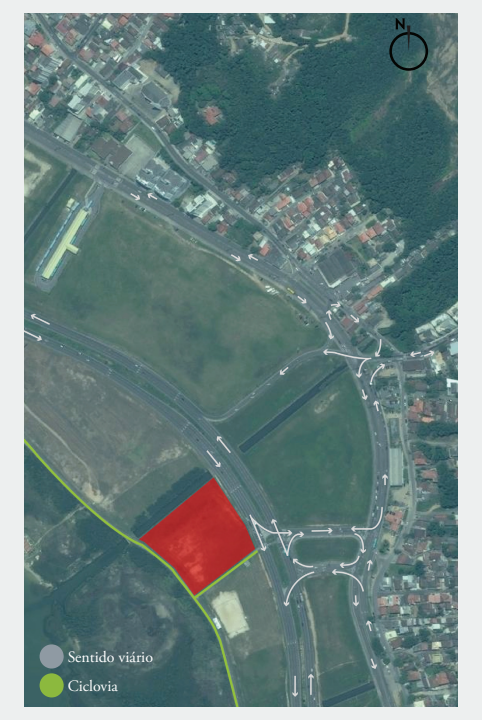
Uso do solo

A área do aterro de modo geral é uma zona AVL (Área Verde de Lazer), entretanto ainda não possui usos definidos. Porém com a instalação do Parque Viva a Ciência, novos lotes do aterro tendem a ser convertidos para Áreas Comunitárias Institucionais (ACI), consolidando a ocupação do aterro.

Sistema Viário

Apesar de haver uma proposta de alteração no sistema viário naquela região, como não está vinculada a execução do Parque Viva Ciência, as medidas adotadas serão de adequação a utilização do parque e ao museu, com a instalação de uma nova passarela, pontes sobre os canais de drenagem e ciclo-faixas, faixas para pedestres e semáforos.





Partido Arquitetônico

O partido adotado é uma interseção entre o programa estabelecido e os aspectos da implantação do edifício naquele terreno.

O programa do museu tem como ponto principal a narrativa da exposição, foi pensado um percurso ao longo do qual as informações serão passadas aos visitantes dinamicamente conforme estes se deslocam dentro do edifício do museu.

Para viabilizar está premissa foram instituídos dois meios, os ambientes de exposição e ambientes de apoio, que mesmo possuindo suas características distintas estão intimamente relacionados, cada qual validando a existência do outro. O reflexo disso se exprime na configuração do prédio, que são dois corpos, mas também é um só corpo. Dois organismos que em certo momento se interseccionam e se fundem, não ficando possível determinar seus limites.

A pureza formal rege o desenho do projeto, buscando facilitar a compreensão e uso universal daquele espaço. Optei por um programa horizontal, favorecendo a acessibilidade e minimizando obstáculos durante o caminho.

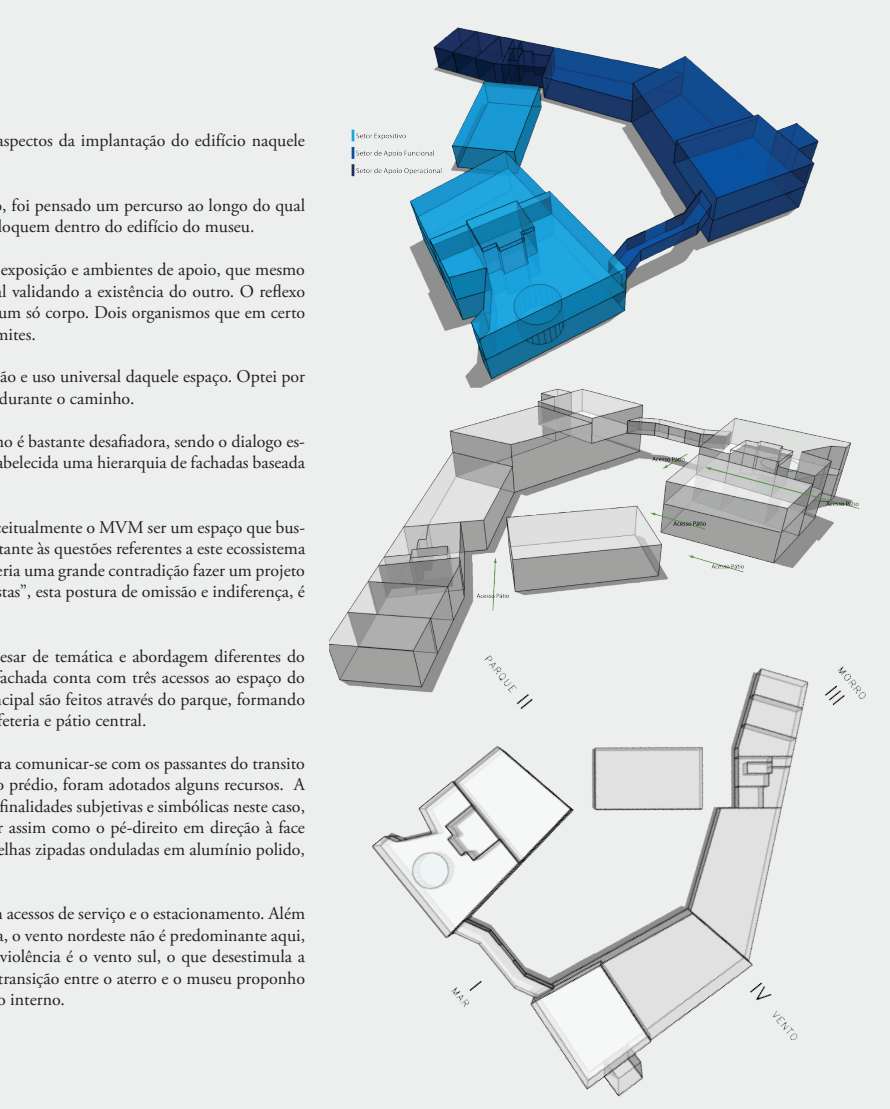
No que tange ao tema da implantação no terreno, a vastidão do vazio urbano é bastante desafiadora, sendo o diálogo estabelecido não com outras arquiteturas, mas com o ambiente. Sendo assim, foi estabelecida uma hierarquia de fachadas baseada nos seguintes elementos: Mar, Parque, Morro, Vento.

A decisão de ter a fachada principal direcionada ao mar justifica-se por conceitualmente o MVM ser um espaço que busca instigar a criação de um elo como mar e sua fauna, direcionando o olhar do visitante às questões referentes a este ecossistema que nos cerca e assim semear a consciência ambientalizadora na sociedade. Logo, seria uma grande contradição fazer um projeto com os fundos voltados ao mar, assumindo uma postura inconsciente. O "dar as costas", esta postura de omissão e indiferença, é justamente a macro-problemática.

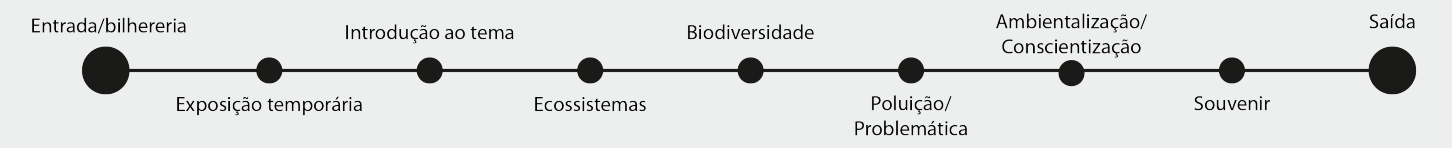
A Segunda fachada elencada é direcionada ao Parque Viva a Ciência. Apesar de temática e abordagem diferentes do museu, juntos formam um complexo em prol do desenvolvimento social. Esta fachada conta com três acessos ao espaço do MVM. Abrindo-se para o parque e abraçando pátio central. O acesso e saída principal são feitos através do parque, formando um percurso global parque-museu, sendo o acesso intermediário dá acesso direto ao pátio interno.

A fachada voltada ao morro é onde se estabelece o diálogo com a cidade. Para comunicar-se com os passantes do transito e principalmente os residentes do bairro, que tem uma vista elevada e distante do prédio, foram adotados alguns recursos. A forma do prédio e todas as suas linhas crescem em direção ao mar, o que tem duas finalidades subjetivas e simbólicas neste caso, direcionar o olhar do observador e despertar a curiosidade, esta que deve crescer assim como o pé direito em direção à face oculta do prédio. Outro recurso utilizado foi no uso do dossel metálico, a escolha das telhas zipadas onduladas em alumínio polido, conferem um aspecto prateado e brilhante fazendo assim sutil alusão às escamas.

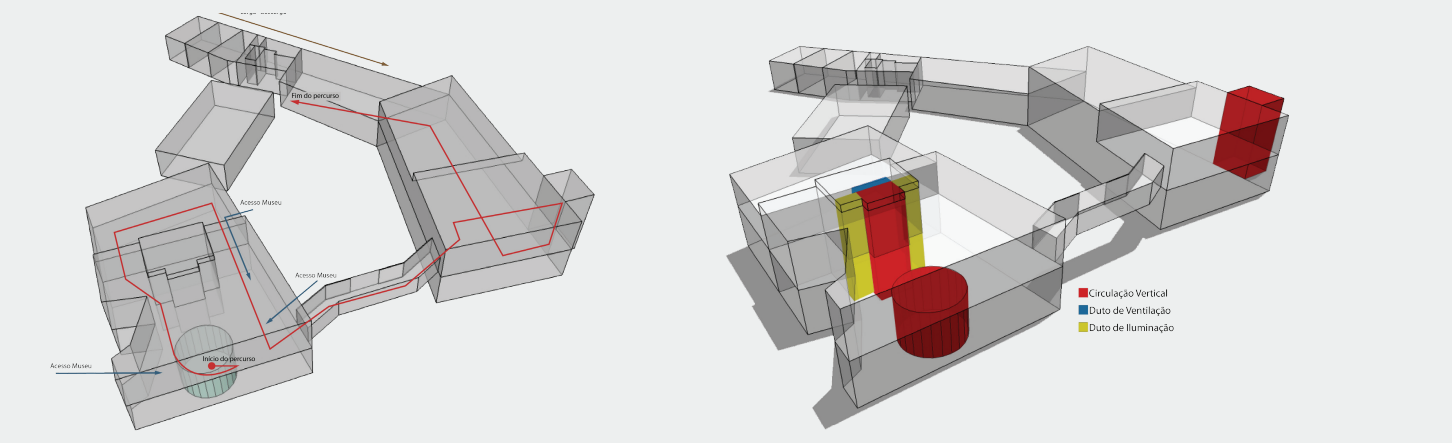
Por fim optei por "sacrificar" a fachada voltada ao sul para ser a fachada com acesso de serviço e o estacionamento. Além dos argumentos acima dispostos, vale salientar que diferente da maior parte da ilha, o vento nordeste não é predominante aqui, pois é minimizado pela geografia local. O vento predominante e que atua com violência é o vento sul, o que desestimula a criação de vãos de acesso. Para minimizar a incidência do vento e criar a zona de transição entre o aterro e o museu proponho um bosque arborizado. As arvores somadas ao prédio, servem de proteção ao pátio interno.



Percurso



Entrada/bilhereria – Exposição temporária – Introdução ao tema – Ecossistemas – Biodiversidade – Poluição/ Problemática – Ambientalização/ Conscientização – Souvenir – Saída



🟥 Circulação Vertical
🟦 Duto de Ventilação
🟨 Duto de Iluminação

Exposição - Memorial Descrivo

Entrada/bilheteria

É o primeiro contato com o Museu, aqui o visitante poderá obter informações e o bilhete pra visitação.O Acesso ao piso superior pode ser feito via escada ou elevadores.

O valor do bilhete não foi definido, já que é um somatório do gasto com manutenção e pagamento dos funcionários e serviços terceirizados.

Entretanto as modalidades sugeridas, a exemplo do modelo apresentado pelo Parque Viva a Ciência, são as seguintes:

Bilhete	MUSEU	EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA	COMBO MVM+TEMP	COMPLETO
Ter - Sex				
Inteiro	---	---	---	---
Estudante escola publica	---	---	---	---
Estudante escola particular/ Outras instituições de ensino	---	---	---	---
Sáb- Dom				
Inteiro	---	---	---	---
Estudante	---	---	---	---
Família (2 adultos + até 3 crianças)	---	---	---	---
Isentos				
Crianças menores de 3 anos				
Idosos (+65 anos)				

Essa proposta busca contemplar de forma justa todos os visitantes.

A Exposição temporária funciona de forma independente, sendo possível visitá-la de forma isolada.

A modalidade de bilhete COMPLETO é uma proposta de bilhete integrado para acessar todo complexo, podendo ser adquirido também na bilheteria do parque.

Espaço de contemplação

É um espaço de transição, aqui o visitante que até então poderia não ter consciência de sua proximidade com o mar, tem uma vista privilegiada da cenografia local.

Este espaço também é destinado a eventos com convidados para aberturas de novas exposições temporárias.

Neste ponto o visitante tem duas opções, seguir para Sala de Exposição Temporária ou entrar no MVM.

Sala pra Exposições temporárias

Este espaço está disponível para receber exposições de diferentes naturezas, não possui aberturas, mantendo o clima e ambiência sob controle. Possui dois acessos. O bilhete para este espaço deverá ser apresentado na entrada do mesmo.

Passarela

Na entrada da passarela será apresentado o bilhete de visitação.
Estruturada com treliças metálicas, o desenho estrutural foi feito de forma que as barras acompanhassem a inclinação da identidade visual do museu, dando uma unidade ainda mais forte à estética como um todo.

Este é claramente um espaço de transição, como é característica simbólica de qualquer "túnel", entre o espaço aberto/público e o museu. A passagem de um ambiente para o outro é reforçada pelo tratamento dado a suas fachadas.

Contemplação

A fachada oeste é fechada com folhas de vidro com películas, que controlam a incidência solar, translucidas nos dois sentidos, há então relação interior-exterior, sendo possível ao observador no exterior do edifício visualizar os passantes na passarela e vice-versa. Essa abertura em direção ao mar permite a continuidade do contato visual com a baia sul estabelecido na sala anterior, ajudando o visitante a perceber o meio ambiente no qual está implantado do museu e que também está contido em sua temática. Na parte central da passarela na fachada leste, tem-se uma abertura estratégica no eixo central da edificação, permitindo a vista elevada do pátio interno, sendo possível a leitura do mesmo em sua plenitude, de um ponto de vista significativo para entendimento e apreciação daquele ambiente e da arquitetura como um todo.

Introdução ao tema

A fachada leste, voltada para interior do edifício, é vedada com painéis que trazem informações curtas e simples sobre a vida marinha de forma global. Iniciando a transmissão de conteúdo, porém de forma informal e despretensiosa.
Espaço 1 - Ecossistema
Sala que apresenta o meio ambiente onde se estabelece a vida marinha, dando enfoque aos aspectos regionais. Apresentando não somente o mar, mas os ecossistemas relacionados a ele, como lagoas e mangues, relevantes para o ciclo de vida marinho.

O espaço tem mobiliário e configurações circulares, assim como o meio ambiente está a nossa volta, subjetivamente transmitimos ao visitante está sensação de estar rodeado por aqueles ambientes expostos em painéis, monitores e esculturas.
Pela temática, achou-se coerente ainda mantermos o contato visual com o mar, que com o termino da leitura desta sala, pode ser apreciado com outro olhar, mais informado e consciente.

Há ainda as aberturas voltadas para o salão da biodiversidade marinha, São aberturas mais sutis, exceto a central que possibilita ver a sala de um ponto de vista único, criamos assim expectativa no visitante, que tem uma previa do que está por vir.

A ambiência tem texturas sonoras sutis reproduzidas, como o barulho de ondas do mar e guinchos de aves marinhas.
Para finalizar, o espaço Ecossistema estar no piso superior não é por acaso, ele representa todos os ambientes a nossa volta, acima do nível do mar, e para conhecer a fundo a vida marinha teríamos de "mergulhar". A descida para o térreo é uma alegoria a imersão no ambiente aquático.

Espaço 2 – Biodiversidade

É o principal espaço do museu, é se subdivide em quatro outros. Informações gerais, Tanque de Contato, Aquário oceânico e Salão do mar.

Informações gerais

Apresentação da fauna (Invertebrados, peixes, répteis, aves, mamíferos) com características básicas de cada um para que o visitante possa avaliar e identificar as espécies que serão vistas a seguir, através de textos, fotos, ilustrações, etc.

Tanque de contato

Neste tanque, é possível manusear e vivenciar uma sensação tátil. Os visitantes interagem com diversos exemplares de invertebrados marinhos, como pepinos e estrelas do mar, ouriços, quítons entre outros encontrados na fauna local que não prejudicam os seres humanos ao serem tocados, sempre com a orientação de monitor especializado.

O tanque é longilíneo com 50 cm de altura, facilitando o acesso de crianças mais jovens e permitindo que o máximo de pessoas possa ter simultaneamente a experiência. Além dos filtros convencionais uma lâmpada ultravioleta é instalada sobre o tanque para que as bactérias não possam prejudicar animais e visitantes.

Secadores de mãos, papel toalha e lixeira são encontrados ao lado do tanque.

Esse tipo de instalação é bastante comum em museus relacionados ao mar, é um dos pontos altos da visita, pois ali se estabelece um vinculo mais intimo e forte com a vida marinha.

Aquário Oceânico

É um ambiente intimista e umbroso, havendo uma redução no pé-direito. O aquário foi projetado de forma que mesmo não sendo muito profundo, tivesse dimensões pra ocupar toda visão periférica dos observadores, propiciando maior imersão. Apresentando exemplares vivos de espécies encontradas na fauna local. A parede ao fundo do aquário é coberta por replicas de corais não permitindo que seja visto o que se passa atrás do mesmo. A tubulação, assim como a manutenção, é feita pela área de serviço atrás do aquário.

Salão do Mar

É a maior sala do museu, com pé direito triplo, aqui podem ser encontradas replicas e alguns fósseis de diversas formas de vida marinha.

Os modelos de grandes criaturas marinhas em tamanho real ocupam o espaço aéreo do ambiente. O ponto de vista "no fundo do mar" torna a percepção destes ainda mais intrigantes.

O acervo aqui é disposto de forma que remeta aos gabinetes de curiosidades, outrora comuns, já que de todos os espaços este é o que exprime mais fortemente o caráter colecionista do museu.

Nos painéis trazem informações sobre os objetos encontrados no salão e ressalta alguns aspectos regionais, exaltando espécies de destaque no cotidiano da cidade, como exemplo as espécies de ostras e mariscos comuns na maricultura ilhéu ou ainda a tainha e sua pesca.

O salão tem quatro aberturas transversais na esquerda e direita, permitindo que a luz natural preencha o recinto no inicio da manhã é ao final da tarde. Suas vastas paredes brancas são impressas com silhuetas de diferentes densidades dos modelos suspensos. Há aqui também a reprodução de áudio, porém de sonoridades emitidas por mamíferos marinhos e sons subaquáticos.

Espaço 3 – Poluição

Esse ambiente apresenta a problemática aos visitantes, agora que o visitante já está familiarizado com o local e as vitimas da depredação ambiental, podemos esperar que haja maior sensibilização ao conteúdo dessa sala.

O conteúdo se divide em causas e consequências dos quatro tipos básicos de lixo passiveis de reciclagem (vidro, plástico, metal e papel) e o esgoto. Abriga duas salas de vídeos, para exibição de curtas e documentários relacionados ao tema, fotos, ilustrações e esculturas de lixo reciclado extraído do mar.

Espaço 4 – Ambientalização

A conclusão da visita é esta sala explica a importância e como combater o que foi visto no espaço 3. Incentivando um pensamento em prol da preservação e sustentabilidade. Possui uma sala de vídeo para reprodução de curtas e documentários sobre o tema.

Essa sala além de painéis com conteúdo posturas ambientalizadoras, estão dispostos diversos totens no interior da sala. Cada totem é um espaço de divulgação para apoiadores, colaboradores e patrocinadores que estão envolvidos com a preservação do ambiente marinho. Ali é informado o que é, onde atuam, como atuam e como participar/colaborar.

O objetivo é mostrar que existem pessoas preocupadas e fazendo alguma coisa e se o visitante quiser fazer alguma coisa, de que forma ele pode alcançar isto.

Nessa sala a pessoa pode encerrar, tendo uma saída direto para fora do prédio ou pela loja, onde encontrará souvenires do Museu da vida marinha.

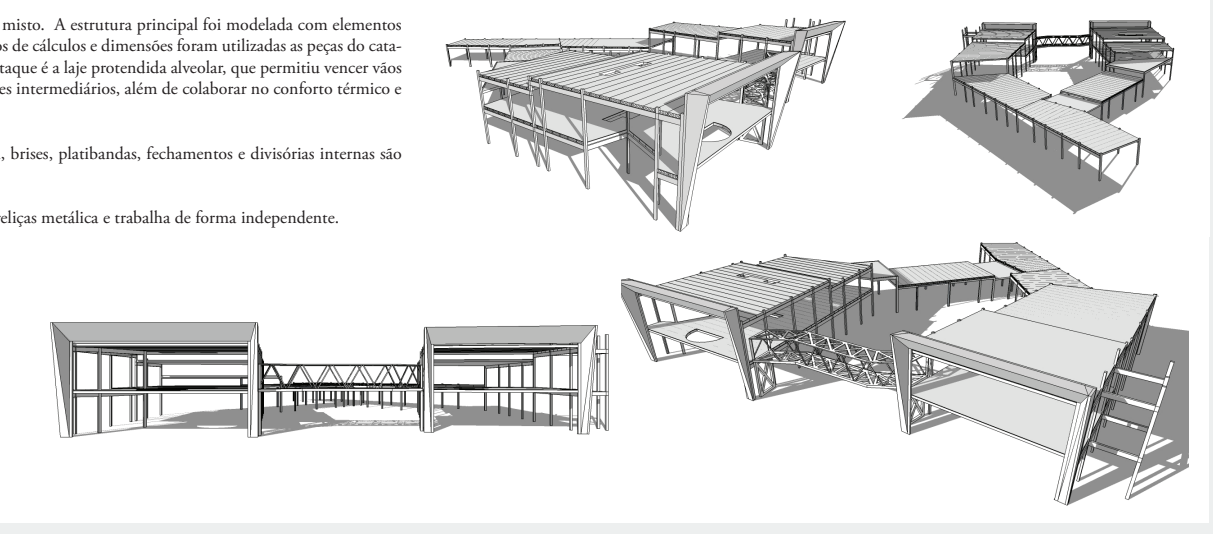
> *"Algumas poucas pessoas, em alguns poucos lugares, fazendo algumas poucas coisas. Podem mudar o mundo".*
> -Frase anônima gravada no Muro de Berlim.

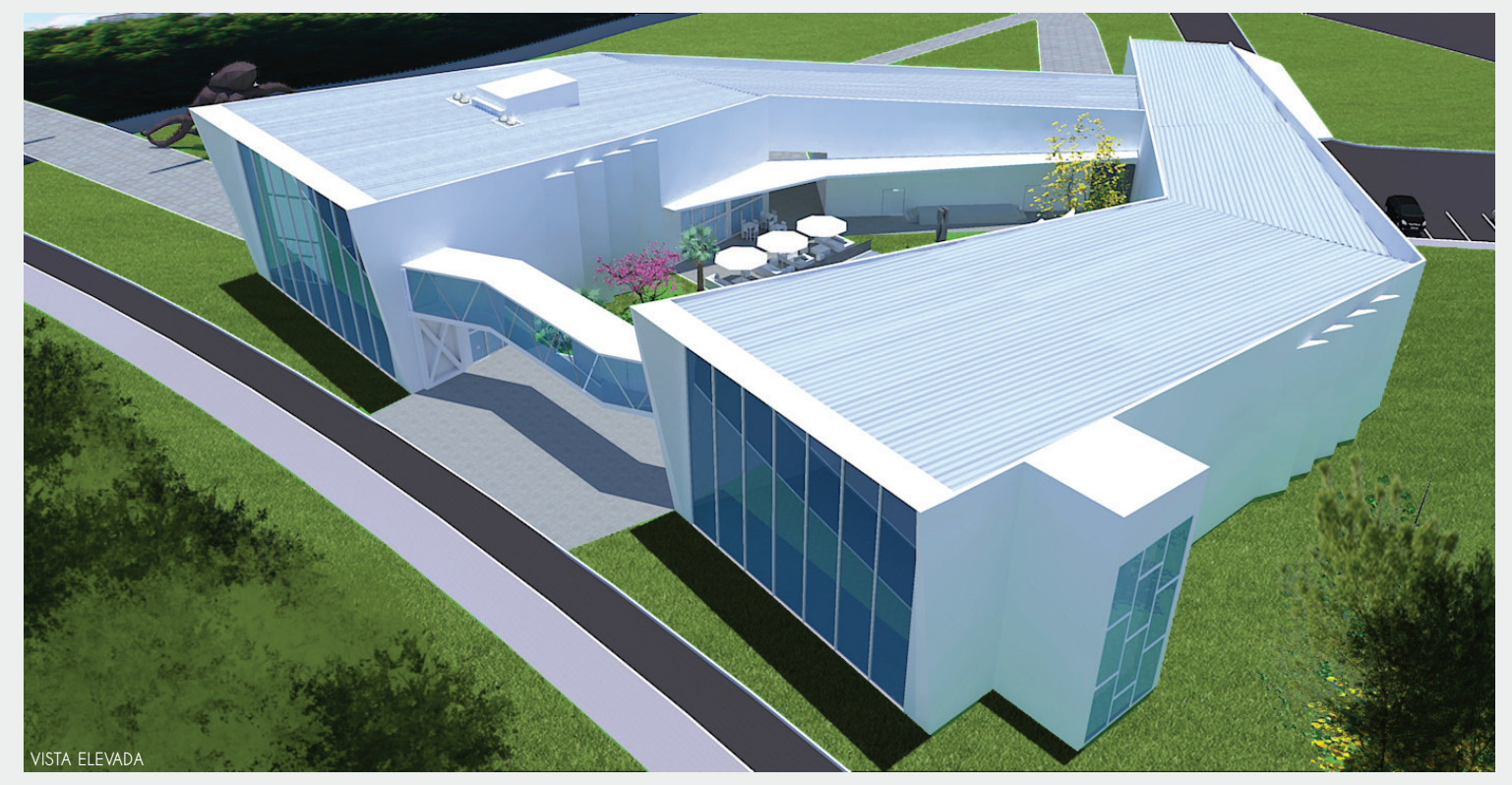
Estrutura

O sistema estrutural adotado é misto. A estrutura principal foi modelada com elementos pré-moldados em concreto, Para efeitos de cálculos e dimensões foram utilizadas as peças do catalogo do grupo Cassol. O ponto de destaque é a laje protendida alveolar, que permitiu vencer vãos de até 20m sem a necessidade de pilares intermediários, além de colaborar no conforto térmico e acústico.

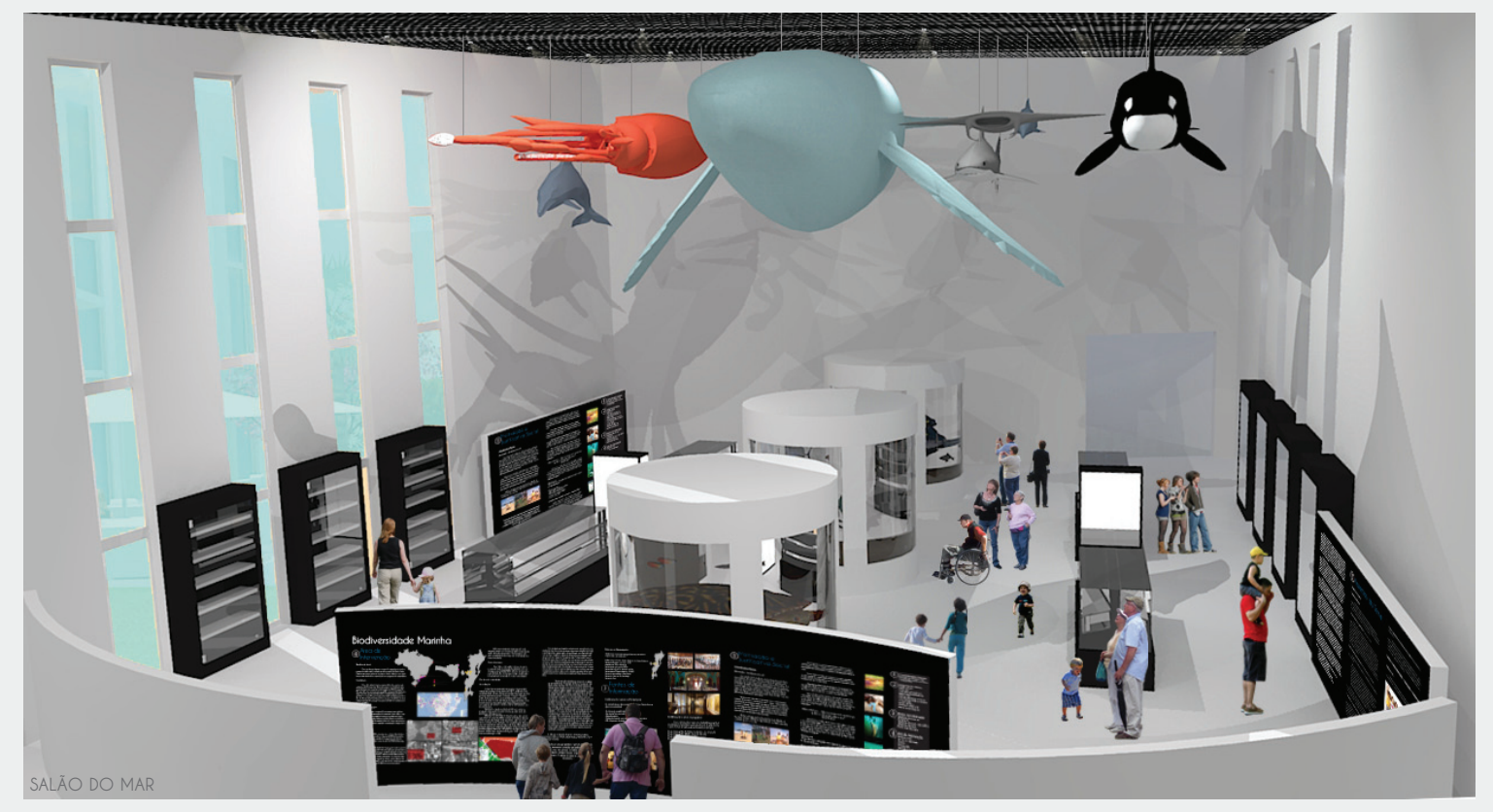
O pórtico da fachada principal, brises, platibandas, fechamentos e divisórias internas são em concreto armado.

Na passarela foram utilizadas treliças metálica e trabalha de forma independente.

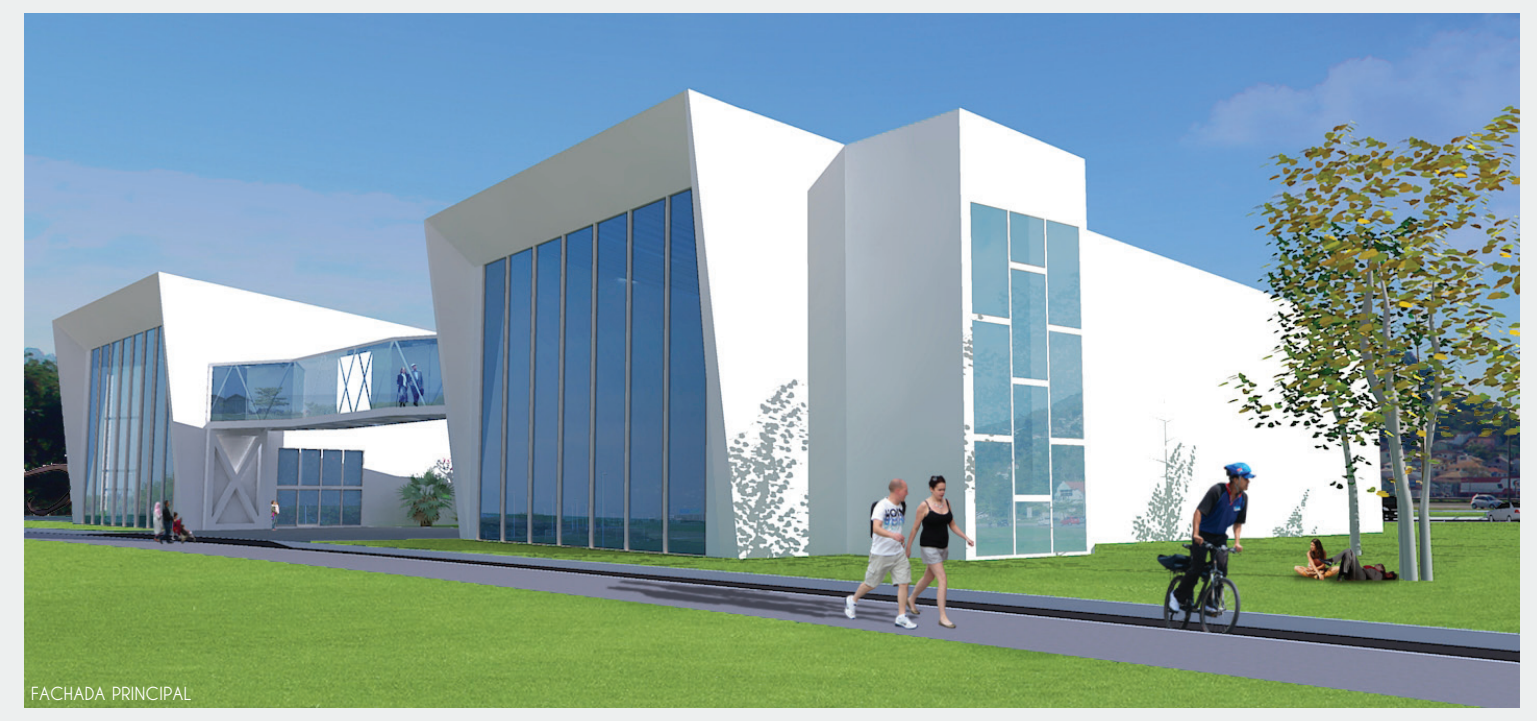




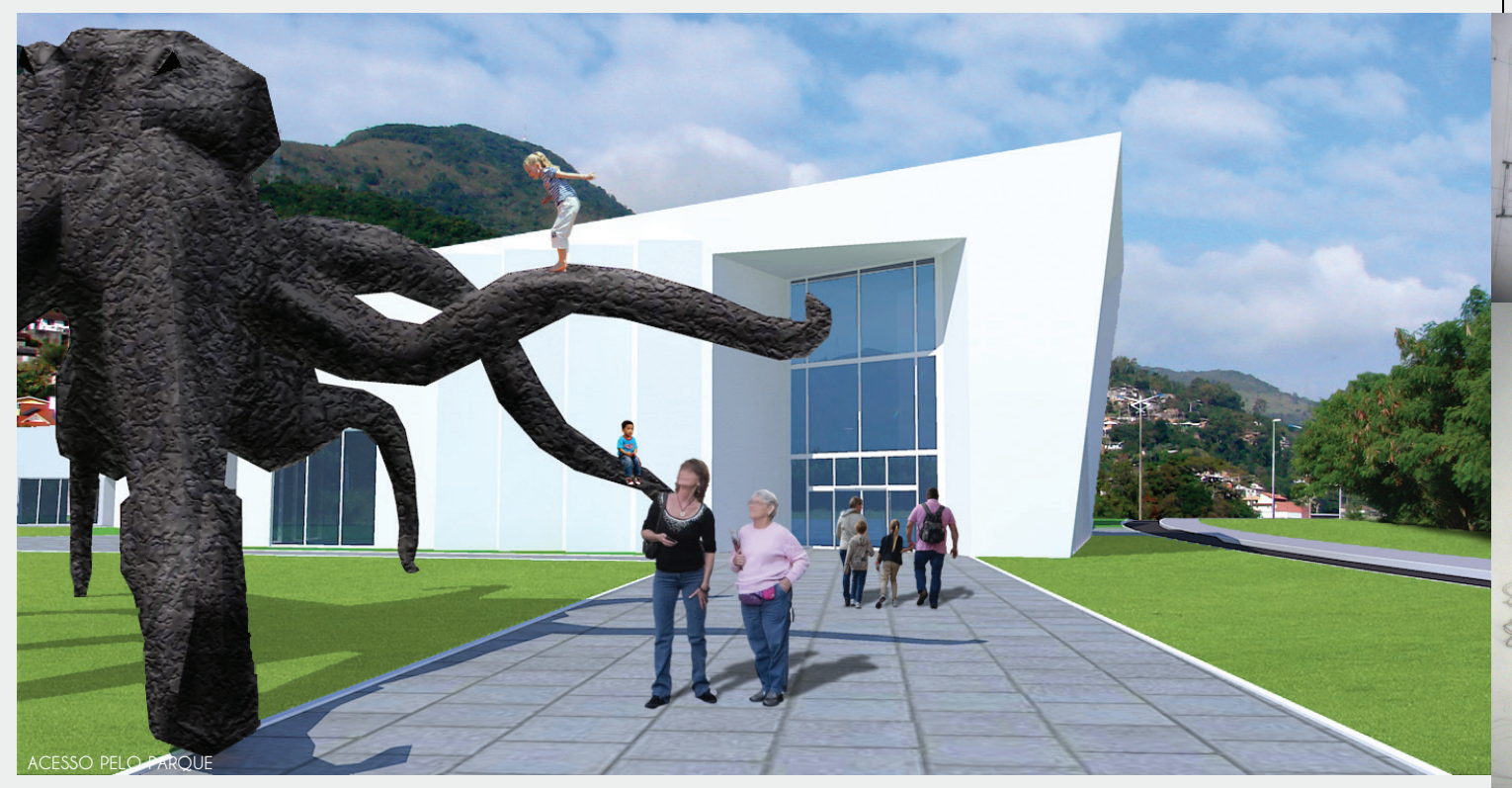
VISTA ELEVADA



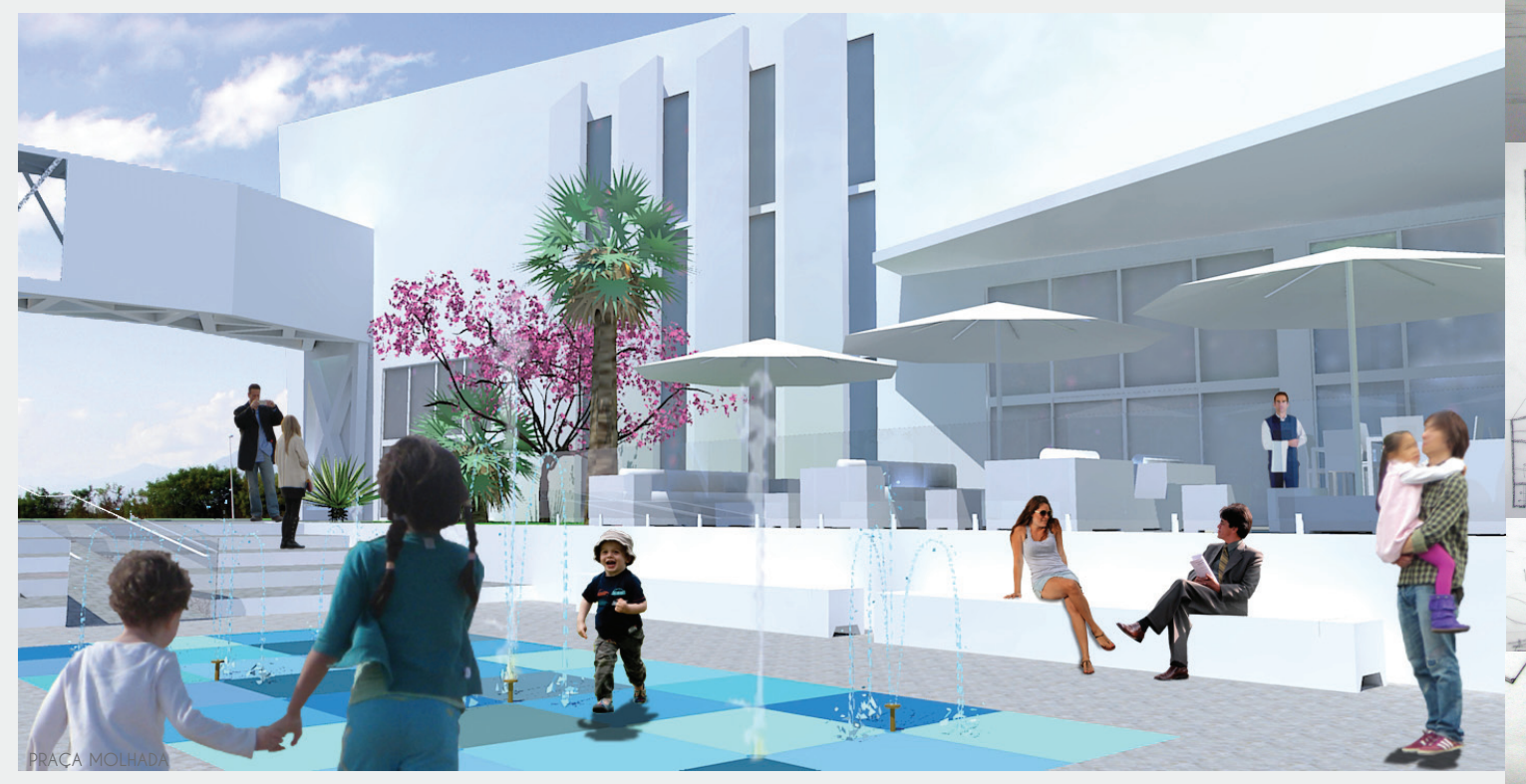
SALÃO DO MAR



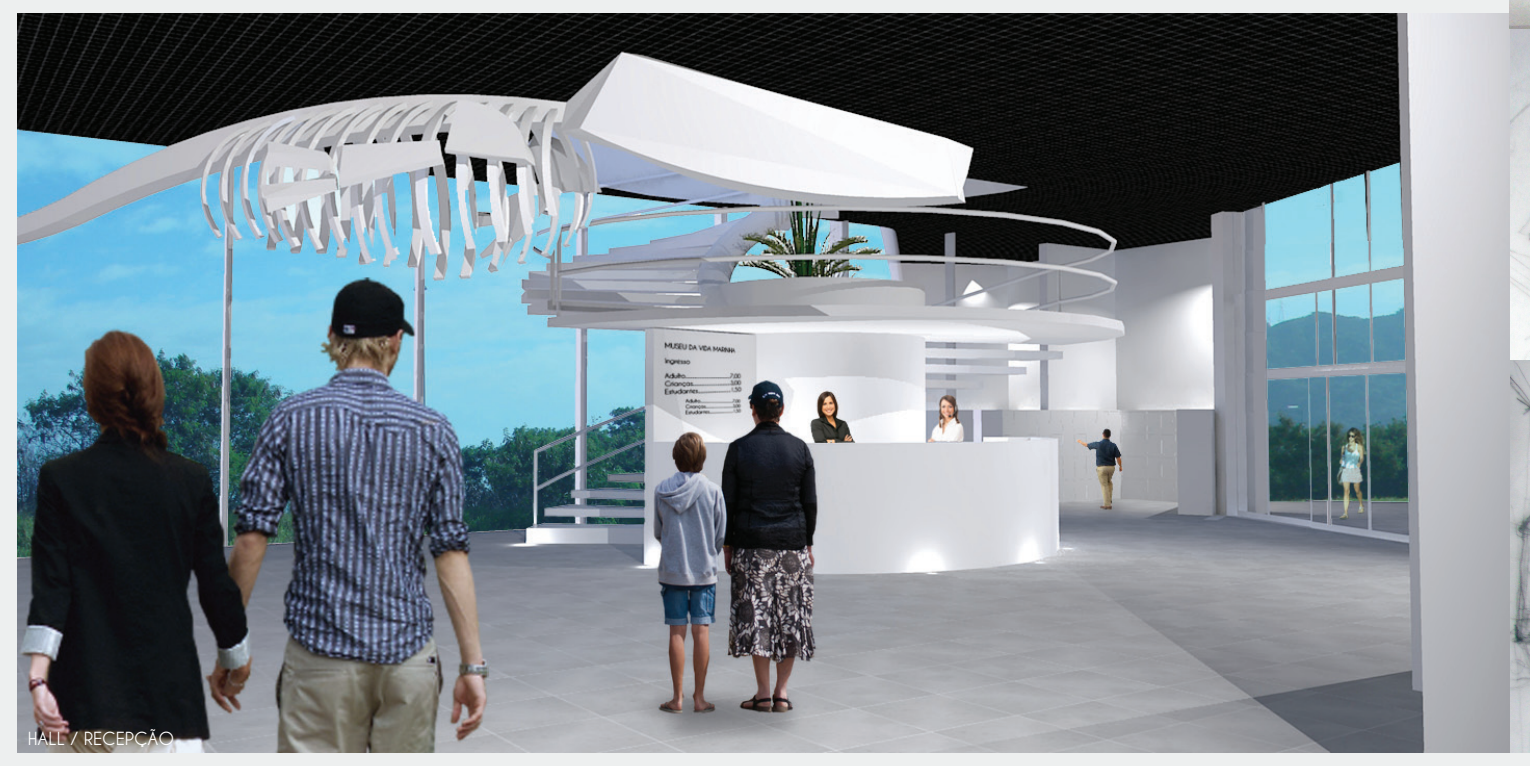
FACHADA PRINCIPAL



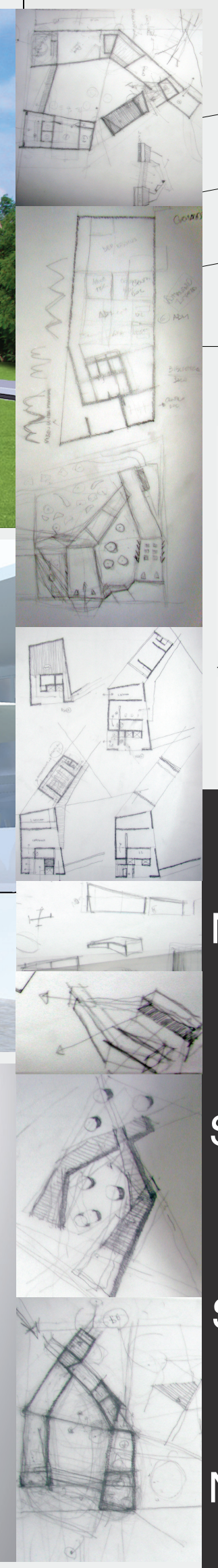
ACESSO PELO PARQUE



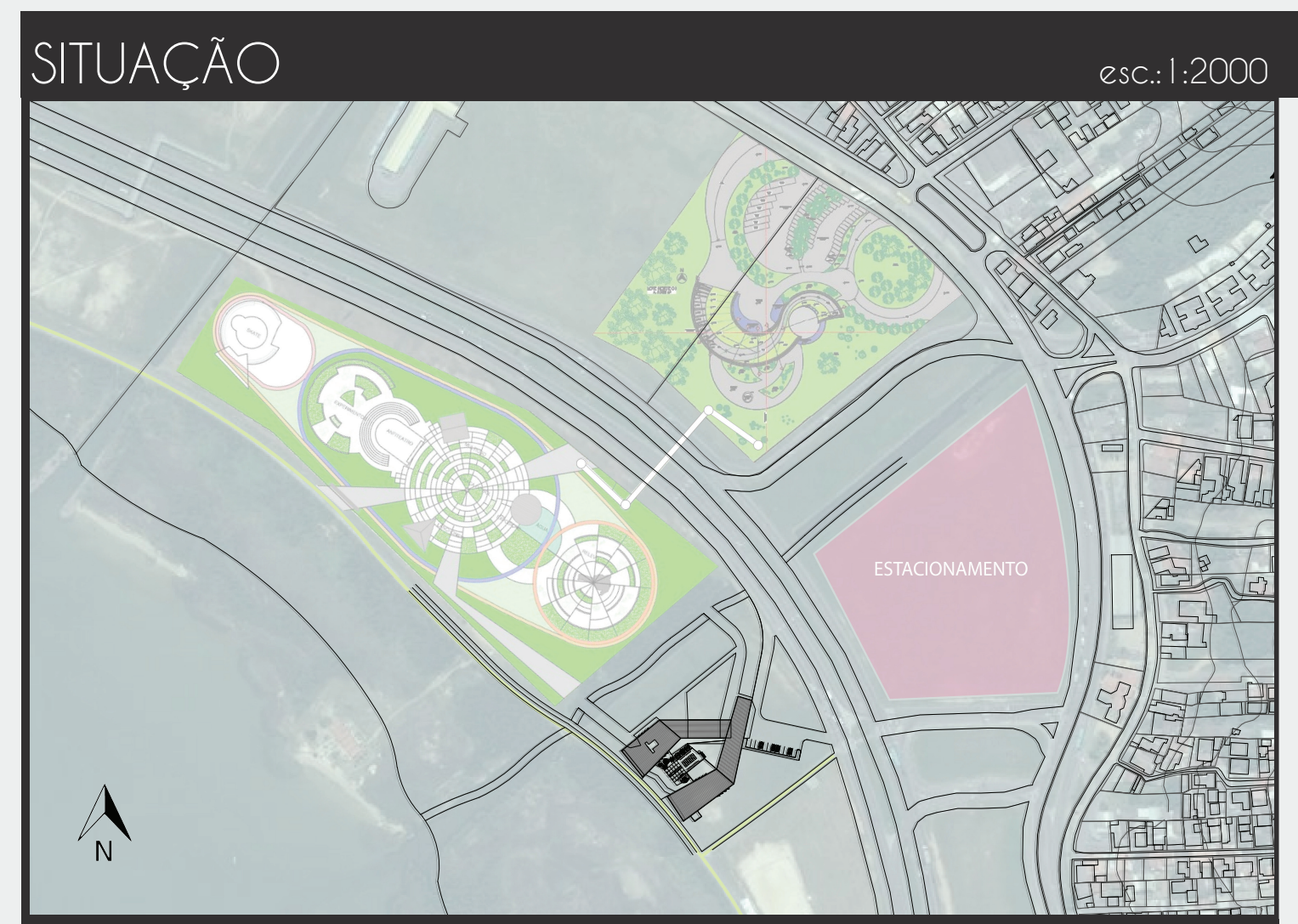
PRAÇA MOLHADA



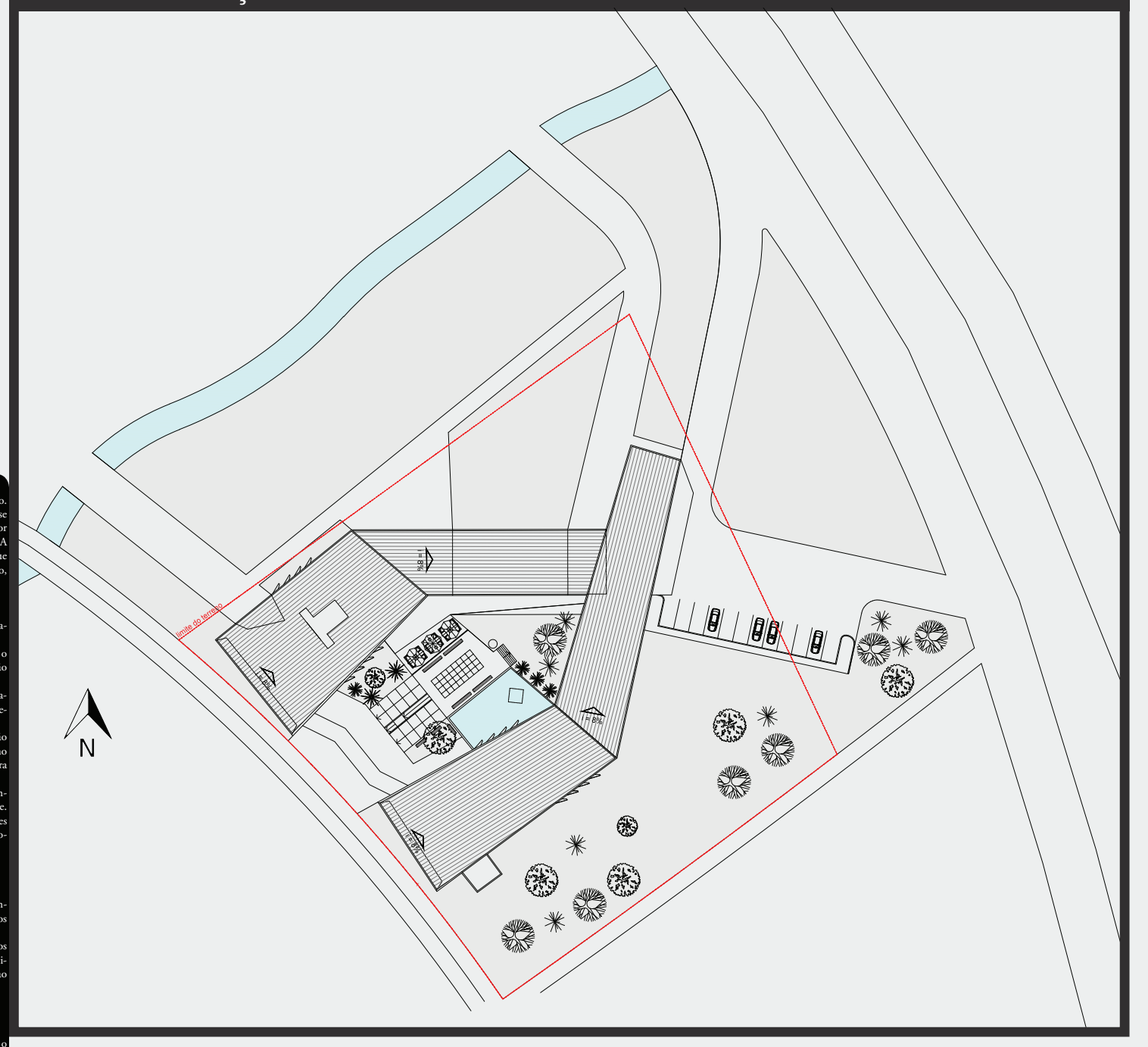
HALL / RECEPÇÃO



SITUAÇÃO esc.:1:2000



IMPLANTAÇÃO esc.:1:500



Centro de Documentação

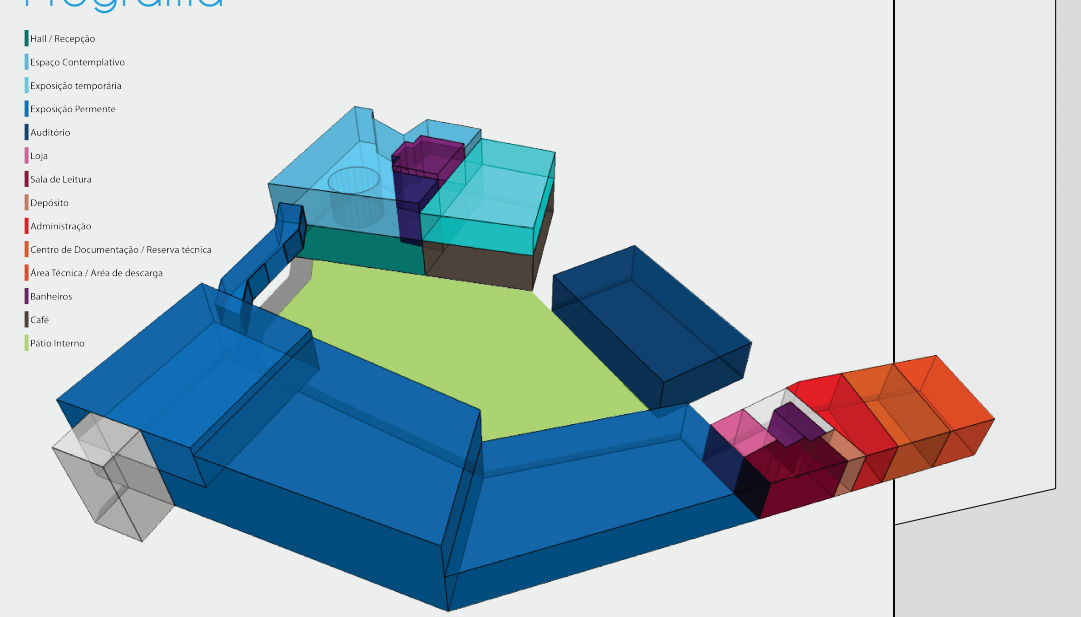
São espaços destinados a reunir, custodiar e preservar documentos de valor permanente
e referências documentais. úteis ao ensino e à pesquisa em sua área de especialização. Podem existir de forma independente ou associados a Arquivos, Bibliotecas ou Museus.

O Museu é um órgão colecionador;• tem acervo constituído por diversas fontes geradoras podendo ter finalidades recreativas, educativas, culturais e científicas ou ainda como testemunha de uma época ou atividade. Tendo sua organização efetuada segundo a natureza do material e a finalidade específica do Museu.

É preciso dizer que a presença de acervo museológico nos Centros de Documentação é mais rara, assim seus esforços na captação de acervo têm se centrado nos materiais arquivístico, bibliográfico e hemerográfico. A explicação talvez esteja no fato de os Museus terem preenchido efetivamente esse papel de depositários dos exemplares da cultura material e da natureza em suas várias áreas.

- fundos de arquivo: conjuntos de documentos acumulados no exercício das funções de entidades ou pessoas.
- material hemerográfico: jornais, revistas e boletins.
- material bibliográfico: livros, teses e folhetos.
- bancos de dados: sobre temas específicos, referências sobre as atividades e o acervo de entidades afins

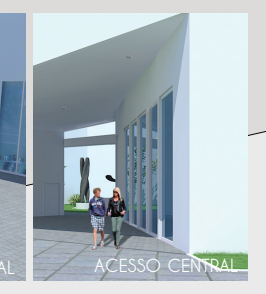
Programa



ACESSO PRINCIPAL

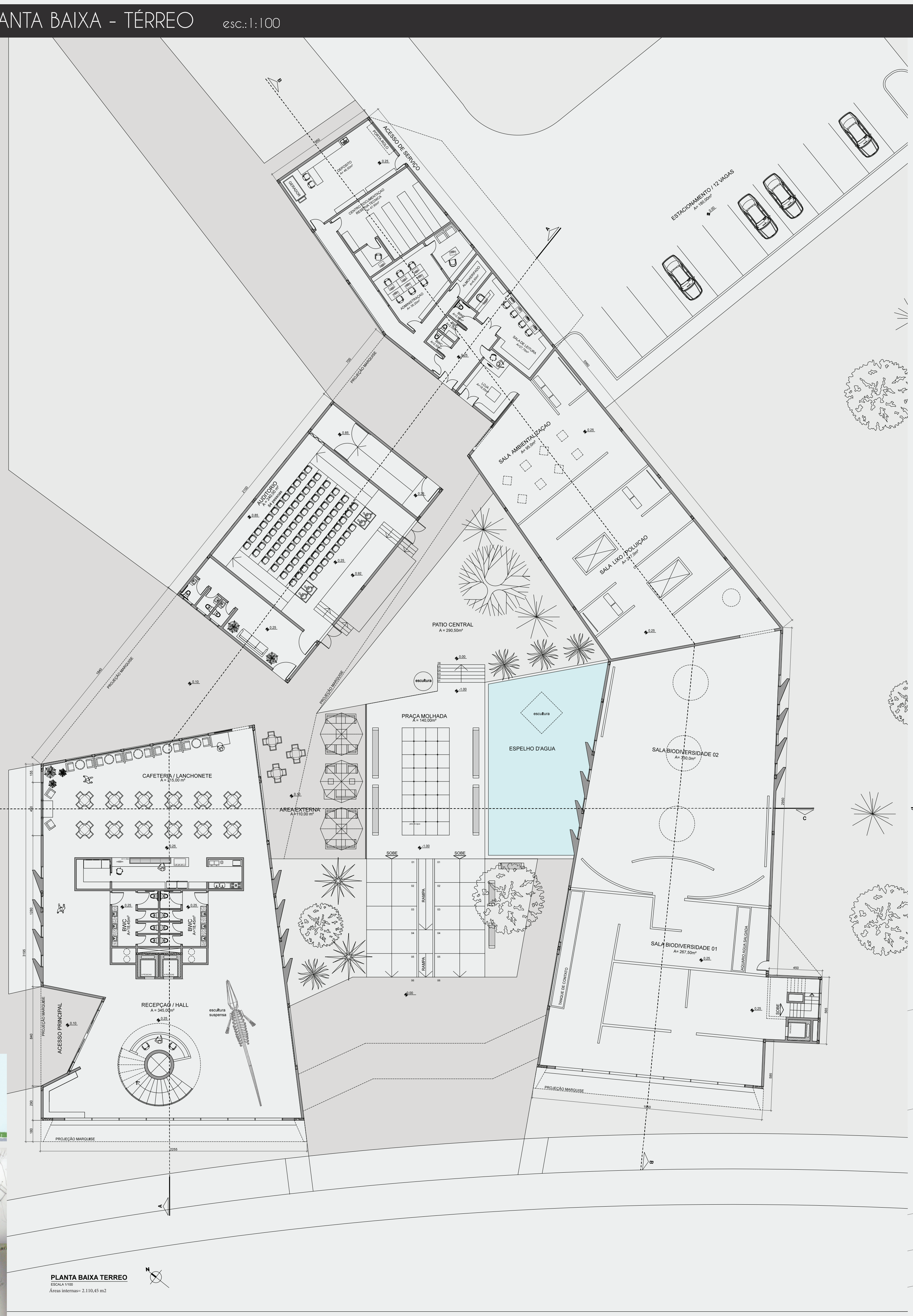
PÁTIO CENTRAL

PÁTIO CENTRAL

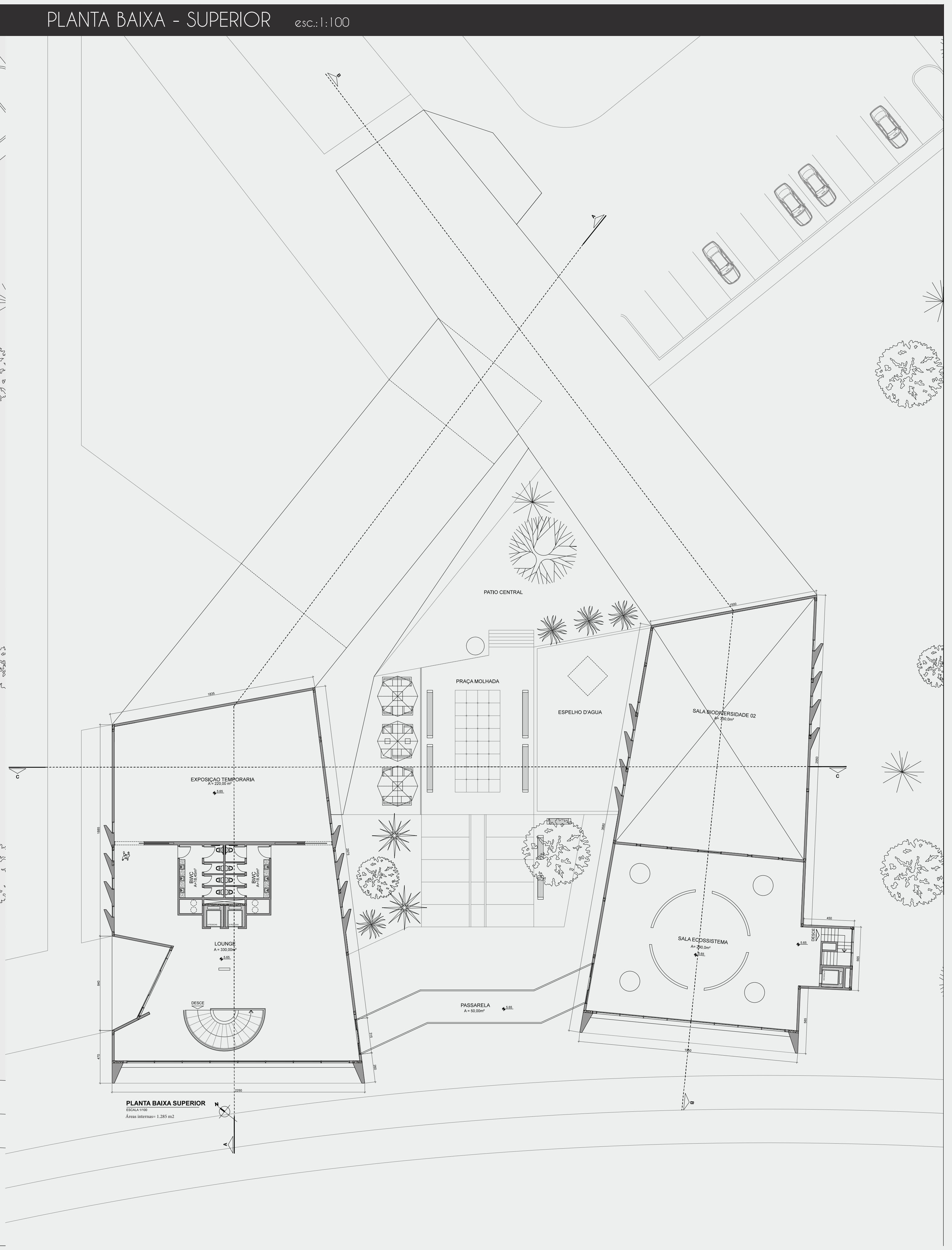


ACESSO CENTRAL

PLANTA BAIXA - TÉRREO esc.:1:100

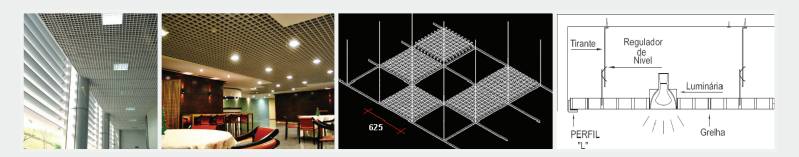


PLANTA BAIXA - SUPERIOR esc.:1:100



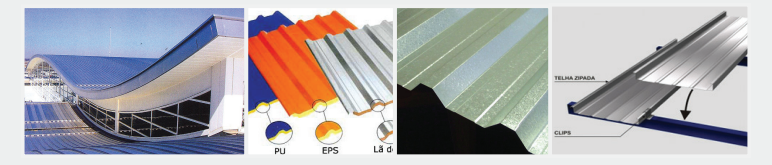
Materiais / Mobiliário

Piso elevado



Forro Colméia

Jato d'agua

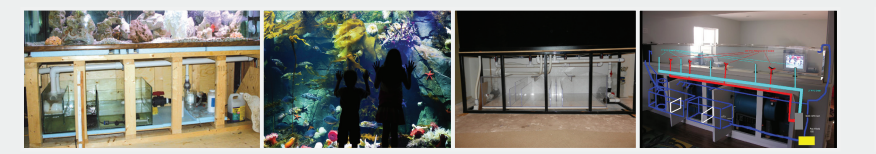


Telha Zipada Termoacústica

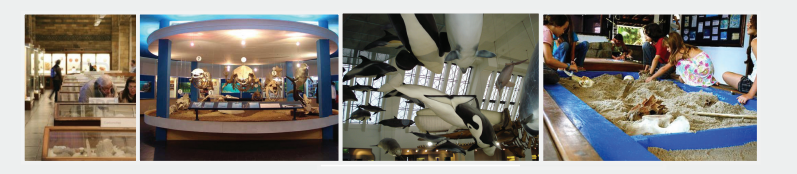
Spider Glass

Tanque de Contato

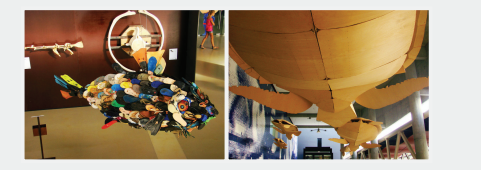
Solartube



Aquario Oceânico



Salão do mar

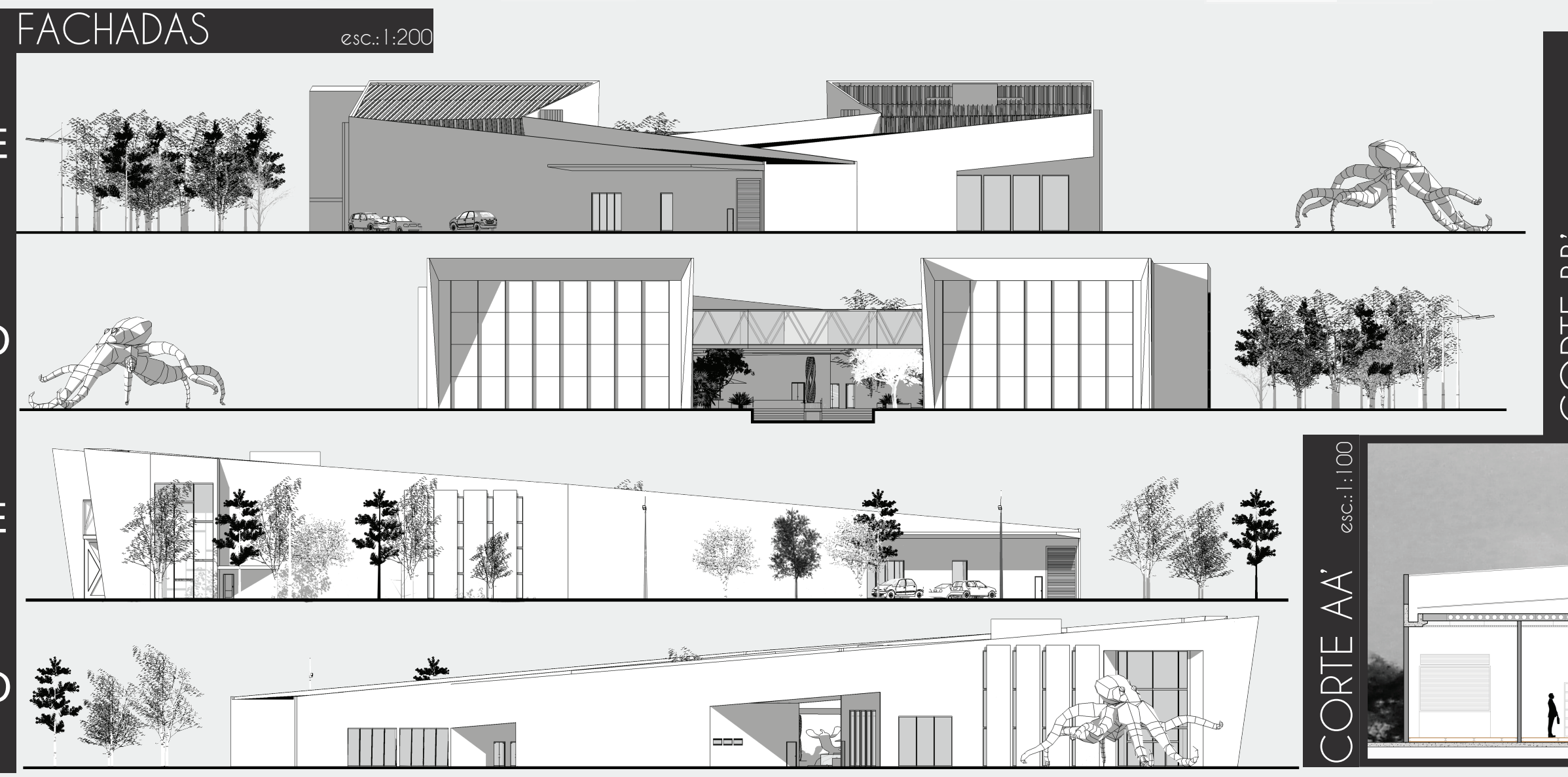


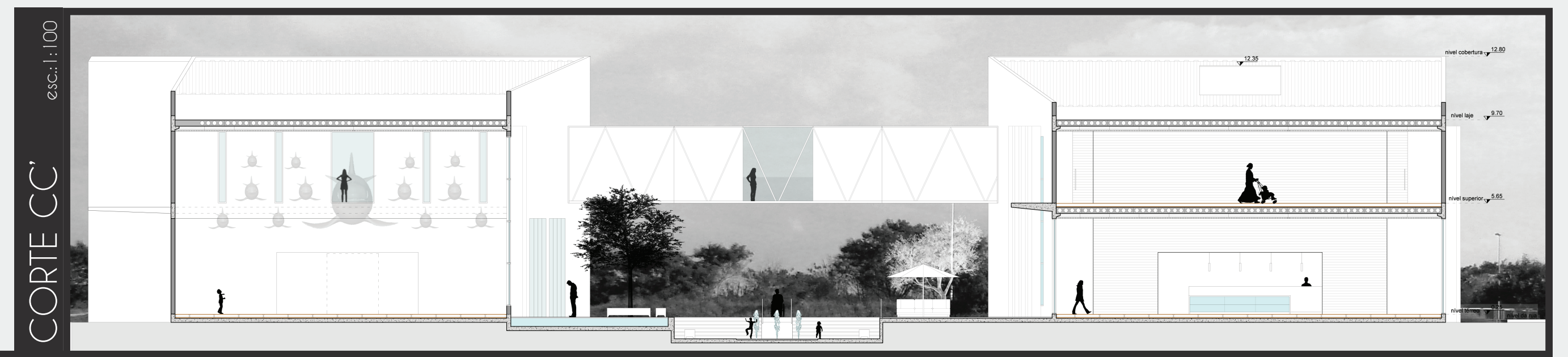
Esculturas de Reciclados

Acessibilidade a portadores de def. Visuais

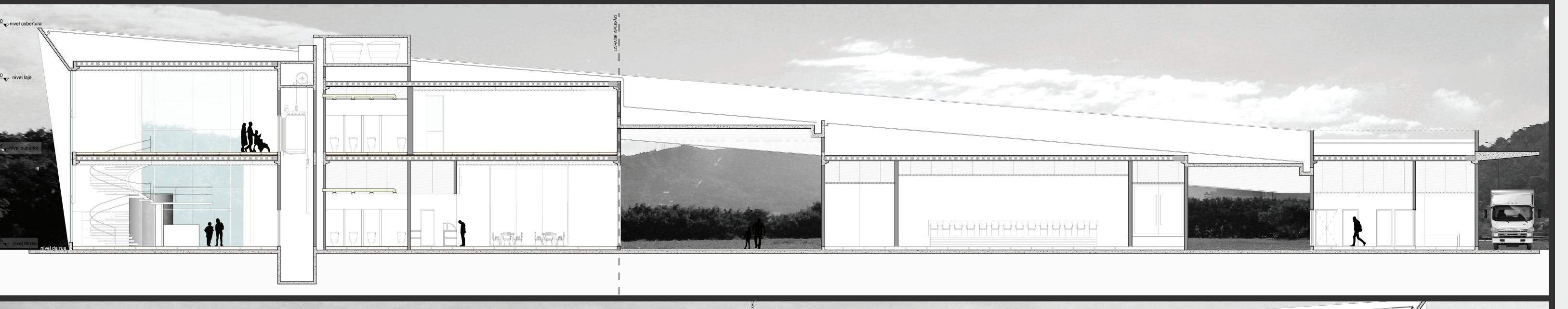
Passarela

FACHADAS esc.:1:200

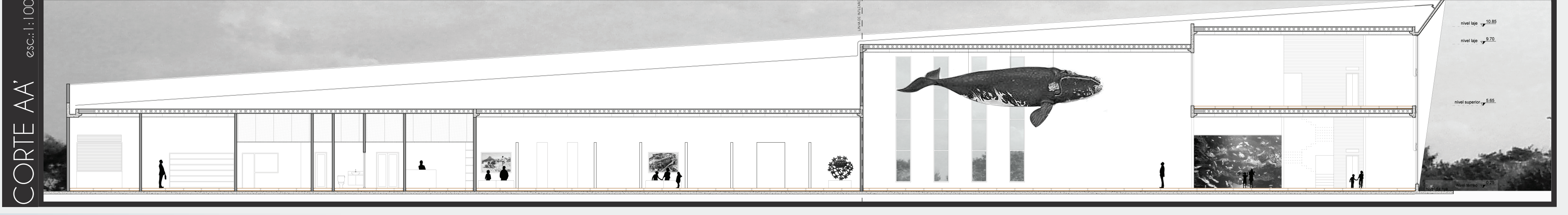




CORTE CC' esc.:1:100



CORTE BB' esc.:1:100



CORTE AA' esc.:1:100

MUSEU DA VIDA MARINHA

MUSEU DA VIDA MARINHA

O MUSEU COMO ENTIDADE DIDÁTICA E AGENTE AMBIENTALIZADOR DAS ESFERAS SOCIAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA /ARQUITETURA E URBANISMO/ ACADÊMICO: BRUNO CÉSAR QUEIROZ GONÇALVES/ ORIENTADOR: GILBERTO SARKIS YUNES SEMESTRE 2013.1

Pesquisa

Bibliográfica

MUSEOS PARA EL NUEVO SIGLO
MONTANER, Josep Maria. Museos para el Nuevo Siglo. Barcelona: Gustavo Gili, 1995. 192 p.

PARA UMA PEDAGOGIA DO MUSEU
REIS, Maria Amelia de Souza et al. Para uma pedagogia do museu: algumas reflexões. Museologia E Patrimônio, Rio de Janiero, v. , n. 1, p.36-46, jun. 2009. Semestral.

MUSEOLOGIA – PLANEJAMENTO DE EXPOSIÇÕES 2
Planejamento de Exposições / Museums and Galleries Commission; tradução de Maria Luiza Pacheco Fernandes. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Vitae, 2001. – (Série Museologia, 2)

NO INTERIOR DO CUBO BRANCO
O´DOHERTY, Brian. No interior do cubo branco: a ideologia do Espaço da Arte. São Paulo, Martins Fontes, 2002

DESLOCAMENTOS ACERCA DO CUBO BRANCO
BOGÉA, Marta . Deslocamentos acerca do cubo branco. Arquitextos (São Paulo. Online), v. 081, p. 081.e403, 2007.

A DIMENSÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO
GUIMARÃES, Mauro. A Dimensão Ambiental na Educação. - Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico; Campinas: Papirus Editora, 1995.

A INFÂNCIA NAS OBRAS DO MUSEU DE ARTE DE SANTA CATARINA
REDDIG, Amalhene Baesso. A Infância nas Obras do Museu de Arte de Santa Catarina. UNESC -
GE: Educação e Arte / n.01

PRINCÍPIOS BÁSICOS DA MUSEOLOGIA
Princípios básicos da museologia / Evanise Pascoa Costa.
- Curitiba: Coordenação do Sistema Estadual de Museus/ Secretaria de Estado da Cultura, 2006. 100p. : il.; 15cm

ESPAÇO E NARRATIVA EM P. RICOEUR.
UMBELINO, Luís António Ferreira Correia - Espaço e narrativa em P. Ricoeur. Coimbra : Rev. Filosófica de Coimbra, 2011. p. 141-162.

TRANSPOSIÇÃO OU RECONTEXTUALIZAÇÃO
MARANDINO, Martha. Transposição ou Recontextualização?: Sobre a produção de saberes na educação em museus de ciências. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2006.
ANÁLISE DAS PRÁTICAS DO MUSEU OCEANOGRÁFICO PROFESSOR ELIÉZER DE CARVALHO RIOS
SILVA, Aline Tavares da. AÇÃO EDUCATIVA: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS DO MUSEU OCEANOGRÁFICO PROFESSOR ELIÉZER DE CARVALHO RIOS E CENTROS ASSOCIADOS, RIO GRANDE-RS. 2011. 46 f. Monografia (Bacharelado) - Curso de Museologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

ACORDO COOPERAÇAO TÉCNICO-CIENTIFICA ENTRE INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM) E O ESTADO DE SANTA CATARINA ATRAVÉS DA FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA (FCC) - Diário Oficial da União (Nº 167, Seção 3, páginas 13).

PARQUE VIVA A CIÊNCIA
MENEZES, Débora Peres
Parque Viva a Ciência: dificuldades para sua implantação em Florianópolis / Débora Peres Menezes, Nelson Canzian da Silva. – São Paulo: Sociedade Brasileira de Física, 2013.

SEGURANÇA EM MUSEUS
ONO, Rosaria e MOREIRA, Kátia Beatris Rovaron.
Segurança em Museus / Rosaria Ono e Kátia Beatriz Moreira - Ministério da Cultura /Instituto Brasileiro de Museus. – Brasília, DF: MinC/Ibram, 2011.166 P.

COMO IMPLANTAR CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO
TESSITORE, Viviane. Como Implantar Centros de Documentação / Viviane tessitore. São Paulo:Arquivo do estado, imprensa oficial, 2003.52 P.

IPUF. Geoprocessamento Corporativo. Disponível em: <http://geo.pmf.sc.gov.br/geo_fpolis/>. Acesso em: 2 abr. 2013.

AMBIENTE BRASIL (Brasil). Poluição nos Mares. Disponível em: <http://ambientes.ambientebrasil.com.br/agua/artigos_agua_salgada/poluicao_nos_mares.html>. Acesso em: 25 abr. 2012.

CANAL DO EDUCADOR. Equipe Brasil Escola (Comp.). Visitando um Museu. Canal do Educador. Disponível em: <http://educador.brasilescola.com/estrategias-ensino/visitando-um-museu.htm>. Acesso em: 31 mar. 2013.

LAISE R. FRANÇA (Comp.). Museus e sua Função Pedagógica. Disponível em: <http://pt.shvoong.com/humanities/179130-museus--sua-função-pedagógica/>. Acesso em: 02 abr. 2013.

CÓDIGO DE ÉTICA LUSÓFONO ICOM (INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUM), 2009.

PLANO DIRETOR DO CAMPUS DA UFSC, 2005.

CÂMARA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS
LEI COMPLEMENTAR Nº 001/97 (*), de 18 de fevereiro de 2007.

PROPOSTA PLANO DIRETOR PARTICIPATIVO UFSC 2009.

Visitas de Campo

Curso de oceanografia – UFSC
Faculdade de oceanografia UERJ

National History Museum – Londres/UK
Oceanográfico – Valencia/ES
Oceanário – Lisboa/PT
Museu Oceanográfico (IEAPM) – Arraial do Cabo/ RJ
Museu de Arte do Rio - MAR - Rio de Janeiro/RJ

Palácio Cruz e Souza – Museu Histórico de Santa Catarina
Casa Museu Victor Meirelles
Museu Antropologia da UFSC (fechado temporariamente)
Museu Arte de Santa Catarina - MASC

Entrevistas

Renilton Roberto da Silva Matos de Assis - Museólogo da FCC
Secretaria do Curso de Oceanografia da UFSC
Secretaria da Faculdade de Oceanografia da UERJ
Luiz Antônio Zenni / Diretor ETUSC
Maria das Graças Velho do Amaral - Chefe da Divisão de Planejamento Físico e Uso do Solo ETUSC
Sonia Maçaneiro - Museu Histórico de Santa Catarina - MHSC
Bibiana Lessa - Curadora adjunta - Ecomuseu Univali (ECOU)